



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANA TÉRCIA SILVA DE LIMA

**CULTURA CORPORAL E INFÂNCIA: O LAZER COMO
RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE**

Recife
2019

ANA TÉRCIA SILVA DE LIMA

**CULTURA CORPORAL E INFÂNCIA: O LAZER COMO
RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE**

Este trabalho é apresentado como requisito para a conclusão da disciplina obrigatória Monografia, para obtenção do título de Licenciada em Educação Física, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientadora: Prof.^a Dra. Andréa Carla de Paiva
Coorientadora: Prof.^a Dra. Joanna Lessa Fontes
Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732c

Lima, Ana Tercia Silva de

Cultura corporal e infância : o lazer como resistência na comunidade / Ana Tercia Silva de Lima. - 2019.
64 f. : il.

Orientadora: Andrea Carla de Paiva.

Coorientadora: Joanna Lessa Fontes Silva.

Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Educação Física, Recife, 2023.

1. Cultura corporal. 2. Lazer. 3. Infância. I. Paiva, Andrea Carla de, orient. II. Silva, Joanna Lessa Fontes, coorient.
III. Título

CDD 613.7

ANA TERCIA SILVA DE LIMA

**CULTURA CORPORAL E INFÂNCIA: O LAZER COMO RESISTÊNCIA NA
COMUNIDADE**

Este trabalho de conclusão da disciplina obrigatória de Monografia, para obtenção do título de Licenciada em Educação Física, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Data de aprovação ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Andrea Carla de Paiva (Orientadora)

Prof^ª. Dra. Joanna Lessa Fontes Silva (Examinadora I)

Prof^º. Dr. Tarcísio Augusto Silva (Examinador II)

Dedico esta monografia à minha querida tia materna Rosilda Duarte (in memoriam). Continua sendo minha maior fonte de força na vida, sua lembrança me inspira e me faz persistir. Foi e sempre será meu maior exemplo de dignidade, honestidade e incentivo à dedicação aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi resultado de muito esforço e dedicação, porém, não caminhei sozinha. Muitas pessoas contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui e por isso agradeço aos que confiaram e acreditaram. Primeiramente agradecer ao Presidente Lula, por ter tornado possível que milhares de primeiros da família, assim como eu, conseguisse ter acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade, através do Reuni, possibilitando a criação do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, ao qual tenho orgulho de fazer parte.

Agradeço à Angélica Gurgel, por tantos anos de amizade e apoio, foi a primeira e talvez a única a acreditar que eu poderia deixar Natal, para estudar na UFRPE. Agradeço à Karina, Dona Terezinha e Tia Cecinha, Nayne e sua mãe Neylane, por terem me acolhido em seus lares, por terem confiado em mim, me acolhido e cuidado de mim em um momento tão delicado, quando eu estava prestes a desistir do curso por não ter onde ficar em Recife, antes de conseguir a residência estudantil da Rural.

Também agradeço aos membros do Diretório Acadêmico - DEFIS 2016.1, Marcelo Gomes, Anna Rita, Ana Carolina, Kellynha, Nayne, Helen, Áulus e Cilos, por terem me acolhido e me dado o suporte necessário para trilhar o melhor caminho.

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dra. Andréa Paiva, por ser essa mãe de coração gigante, onde sempre tem lugar para mais um, agradeço de coração por ter aceitado o convite para ser minha orientadora, pela paciência e por ter me acompanhado nesse árduo processo desde 2017. Minha coorientadora, Prof.^a Dra. Joanna Lessa, muito obrigada pela oportunidade de trabalhar em Tatuoca, e por ter ajudado a me empoderar como professora em processo de formação, para mim, você é um exemplo admirável de profissional da educação.

Agradeço ao Professor de biofísica Emmanuel Pontual, por se importar verdadeiramente com o aprendizado dos estudantes de maneira humanizada e humanizadora.

Agradeço à Prof.^a Dra. Rosangela Lindoso, por ter me ajudado na disciplina de Esportes Individuais II, a realizar um sonho que eu pensava não ser mais possível, aprender a nadar. Gratidão aos moradores de Tatuoca, em especial as crianças e mulheres, pela troca de saberes e fazeres, pelo carinho e confiança durante o projeto de extensão, pela contribuição a minha formação profissional e pessoal, levarei sempre no meu coração com muito carinho.

RESUMO

A definição do tema do lazer para esta monografia se deu através das experiências obtidas no projeto de extensão da UFRPE, realizado na comunidade Vila Nova Tatuoca – Cabo de Santo Agostinho/PE. A partir da temática do lazer como foco para o levantamento de indagações, investigou-se como a Educação Física pode contribuir para a formação do acervo cultural e de lazer da população infantil de uma comunidade rural, inseridos em determinado contexto urbano precarizado, implicando na desconfiguração de seu modo de vida. O presente estudo tem como objetivo compreender a relação existente entre cultura corporal e a infância na comunidade Vila Nova Tatuoca, identificando os conceitos em torno das infâncias, e reconhecendo a perspectiva da educação para o lazer como possibilidade de fortalecimento e manutenção da memória coletiva da comunidade. Para tanto, optamos pela pesquisa de caráter qualitativo, especificamente pela pesquisa-ação desenvolvida em contato direto com a comunidade, cuja análise dos dados se referiu à análise de conteúdo. Durante o estudo, percebemos uma gradual evolução positiva em relação às questões de auto-organização e cooperação entre as crianças em suas atividades de lazer, na criação de novos jogos e brincadeiras que foram incorporados a seu acervo cultural, através do projeto de extensão. Ao mesmo tempo, a comunidade de Tatuoca, bem como tantas outras que passam por situação de expropriação, precisam manter resistência diante das drásticas mudanças negativas em seu modo de lazer nessa nova realidade social urbana, em comparação ao meio rural ao qual pertenciam anteriormente.

Palavras-chave: Cultura Corporal; Lazer; Infância.

ABSTRACT

The definition of the theme of leisure for this monograph took place through the experiences obtained in the UFRPE extension project, carried out in the community of Vila Nova Tatuoca - Cabo de Santo Agostinho/PE. From the theme of leisure as a focus for the survey of questions, it was investigated how Physical Education can contribute to the formation of the cultural and leisure collection of the child population of a rural community, inserted in a certain precarious urban context, implying the deconfiguration of their way of life. This study aims to understand the relationship between body culture and childhood in the community Vila Nova Tatuoca, identifying the concepts around childhood, and recognizing the perspective of education for leisure as the possibility of strengthening and maintaining the collective memory of the community. Therefore, we opted for qualitative research, specifically for action research developed in direct contact with the community, whose data analysis referred to the content analysis. During the study, we noticed a gradual positive evolution in relation to issues of self-organization and cooperation among children in their leisure activities, in the creation of new games and games that were incorporated into their cultural collection through the extension project. At the same time, the community of Tatuoca, as well as many others that go through an expropriation situation, need to maintain resistance to the drastic negative changes in their way of leisure in this new urban social reality, in comparison to the rural environment to which they previously belonged.

Keywords: Body Culture; Leisure; Childhood

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	14
1.1 INFÂNCIA E CRIANÇA: O PERCURSO HISTÓRICO DAS CONCEPÇÕES	14
1.2 A CRIANÇA E INFÂNCIA NA IDADE MÉDIA	15
1.3 A CRIANÇA E INFÂNCIA NA IDADE MODERNA	17
1.4 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA NA ATUALIDADE	20
CAPÍTULO 2	23
2.1 LAZER	23
2.2 DIREITO AO LAZER	25
2.3 BRINCAR: DIREITO DA CRIANÇA	29
CAPÍTULO 3	29
3.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS	29
3.2 TATUOCA	31
3.3 O QUE FOI FEITO E O QUE AS CRIANÇAS DESENVOLVERAM.	40
CAPÍTULO 4	49
4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO	50
4.2 A REALIDADE DA CULTURA CORPORAL E DAS PRÁTICAS DE LAZER EM TATUOCA	53
5. CONSIDERAÇÕES	57
6. REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE	62

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo compreender a relação existente entre cultura corporal e a infância na comunidade Vila Nova Tatuoca, identificando os conceitos em torno das infâncias, e reconhecendo a perspectiva da educação para o lazer como possibilidade de fortalecimento e manutenção da memória coletiva da comunidade.

Este tema surge das inquietações levantadas durante os anos de formação acadêmica no curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, onde nos deparamos com poucas, ou nenhuma vivência, especificamente para o lazer na infância em espaços não formais de educação, em lugares onde esse direito do lazer, conseqüentemente, o direito ao brincar, é negligenciado, como é o caso das crianças periferias e dos bairros mais pobres.

O que observamos durante a graduação é que o tema lazer, especificamente, é abordado muitas vezes quando voltado às atividades para adultos e idosos, ou seja, apenas como um subterfúgio da instituição trabalho.

Embora haja diversas pesquisas acadêmicas voltadas para essa temática do lazer e da infância, com autores renomados que serão discutidos mais a frente, como os estudos de Gomes (2004), Marcellino (1996), Silva (2015), entre outros, percebemos que não paramos para fazer o exercício de refletir o lazer como direito, o qual é negado a tantas crianças pelo mundo, apenas quando nos deparamos com a realidade de comunidades carentes é que podemos ter uma real noção da dimensão do problema.

Então, no decorrer do quarto período da disciplina obrigatória - Metodologia da Pesquisa em Educação, do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, ministrada pela Prof^a Dra. Andréa Paiva, surgiu a ideia de pesquisar este tema, que culminou neste estudo monográfico associado ao privilégio, diante dessa falta de experiências com o lazer dentro do Curso de Licenciatura em Educação Física, especialmente voltado para a infância em situação de processos de expropriação¹, com a

¹ Utilizaremos neste trabalho o termo 'expropriação' no sentido de: ação ou efeito de expropriar, de excluir alguém da posse de uma propriedade, através de meios judiciais. Fonte: Dicionário Online de Português, disponível em <https://www.dicio.com.br/>.

participação como bolsista no projeto de Extensão da UFRPE, nos períodos de abril de 2016 a dezembro de 2018.

Este projeto se desenvolveu junto às crianças e seus familiares moradores da comunidade Vila Nova Tatuoca, pertencentes à Ilha de Tatuoca no município de Ipojuca/PE, os quais foram retirados de seu contexto rural, para um conjunto habitacional no contexto urbano, mediante instalação do Complexo Industrial Portuário de Suape.

Esse processo de expropriação causou grandes impactos na cultura local no que diz respeito a sua organização social, econômica e política, conseqüentemente em sua produção cultural imaterial, entre elas a cultura corporal.

O termo cultura corporal se refere ao “amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas que, como tal, externalizam-se pela expressão corporal” (ESCOBAR, 1995, p. 94). Dessa forma, o conceito de cultura implica numa apreensão do “processo de transformação do mundo natural a partir dos modos históricos da existência real dos homens nas suas relações na sociedade e com a natureza”. (Escobar, 1995, p. 93).

Nesse sentido, esse projeto de extensão foi intitulado “Lazer e Extensão Rural na Comunidade de Tatuoca” sob coordenação geral da professora do Departamento de Educação da UFRPE, Prof.^a Dra. Joanna Lessa, e logo depois com diferentes subprojetos, entre eles, “Cultura Corporal e Infância na Comunidade de Tatuoca”, coordenado pela Prof.^a Dra. Andréa Paiva. Tais professoras se encontram como Coorientadora e Orientadora respectivamente desta monografia.

Esses projetos promoveram um amplo espaço de debates e levantamento de problemáticas acerca dos estudos sobre o lazer, que culminaram com as intervenções na comunidade Vila Nova Tatuoca.

Além do grande incentivo vindo do projeto de extensão para estudar o tema do lazer em Tatuoca, outro fator que contribuiu fortemente nessa escolha, foi o sentimento de angústia que surge em decorrência da conjuntura política atual de nosso país nesses últimos anos, sobre o debate em torno da infância e de seu acesso a educação escolar.

Este debate tem se intensificado no que diz respeito a como deve ser posta a educação aos estudantes pelo atual governo, sem qualquer embasamento científico. Ao contrário se apresenta de modo preconceituoso e cruel, ainda que haja educadores e

pesquisadores sociais alertando para o perigo de tratar a educação sem dar a devida importância e seriedade científica.

Enquanto isso, indivíduos sem formação e sem capacitação específica na área da educação ocupam postos importantes nos órgãos públicos para assumir a responsabilidade pela educação já tão fragilizada do Brasil, o que repercute também na preocupação sobre a garantia dos direitos das crianças e adolescentes, com os acontecimentos absurdos como por exemplo, o projetos de educação “escola sem partido”, ou mesmo o “future-se”, percebemos que, o que está ruim em questão de políticas públicas voltadas para educação e cidadania no âmbito do desenvolvimento da infância, infelizmente é passível piorar, e por isso, precisamos estar atentos aos acontecimentos da conjuntura política do país.

A necessidade social de abordar o tema do lazer na infância está situada, portanto, na maneira de proporcionar momentos educativos e empoderadores para as crianças, que embora tenha sido uma temática que passou tímida e/ou despercebida durante a graduação, torna-se imprescindível em um momento em que os governantes discutem questões relacionadas à diminuição da maioria penal, em vez de procurar garantir a dignidade humana de crianças e jovens, através de políticas públicas de lazer que possam gerar educação, que alcancem aqueles menos favorecidos e as comunidades mais distantes como os bairros e periferias mais pobres.

Segundo Silva (2015), as crianças brasileiras, sobretudo de uma classe social desfavorecida, tanto meninas quanto meninos, vivem cotidianamente em condições de desnutrição, miséria, exploração do trabalho infantil e prostituição infantil, constrangimentos estes impostos pela sociedade. Conforme o autor, no âmbito da chamada Sociologia da Infância, há inúmeros estudos que destacam os problemas da infância no mundo atual considerando outros aspectos da condição humana infantil, como: direitos, gênero, raça/etnia, sexualidade, família, escolarização, cultura lúdica, religião, mídia e outros.

É possível visualizar melhor esse contexto nas palavras de Galeano (1999) quando diz que, as crianças ricas são tratadas como dinheiro, as da classe média tratadas às patas da televisão e as pobres como lixo. Essa metáfora nos mostra quão multidimensional é a problemática da infância no Brasil e no mundo, insinuando que, mesmo entre as diferentes classes sociais, há problemas concretos de natureza política,

ética, estética, econômica, social e cultural a serem enfrentados pelos pesquisadores e educadores em geral.

No entanto, destacamos que as expressões ‘crianças pobres’ ou ‘crianças carentes’, referindo-se à zona urbana ou rural, tornam-se inexpressivas e desprovidas de sentido (SILVA, 2015) diante de um quadro de tamanho abandono por parte do Estado no que se refere às políticas sociais: educação, saúde, moradia, alimentação, lazer etc.

Neste sentido, para além desses jargões de pobres e carentes, talvez devêssemos chamar esse processo de empobrecimento para nos referirmos às crianças empobrecidas. Nesses termos, a expressão empobrecimento ganha movimento e uma relação de causalidade de suma importância, uma vez que essas crianças não são pobres por um dom divino, mas pela ingerência do Estado capitalista (SILVA, 2015) que, ao destruir os postos de trabalho dos pais, obriga estas a assumirem o papel precoce de provedoras da renda familiar.

No que tange à Educação, as crianças ditas carentes são, na realidade, carentes de escolas de qualidade com professores bem pagos, instalações e equipamentos de qualidade, métodos de ensino mais atualizados e conteúdos culturais e intelectuais mais qualitativos. Na realidade, essas crianças empobrecidas são carentes de: políticas públicas eficazes e emancipatórias, carentes de justiça, sobretudo, de respeito e cumprimento dos direitos, constitucionalmente, a elas destinados, como os previstos no Artigo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que reza que “toda criança tem direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer”.

Especificamente, na comunidade de Tatuoca, todas essas questões apresentadas até aqui estão interligadas com a inserção da criança no processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no âmbito da família e da comunidade, as atividades cotidianas (brincadeiras e socializações diversas), que se diferenciam de acordo com a posição da criança e de sua família na estrutura socioeconômica. Isto é um indicativo da inexistência de uma infância ou de uma população infantil única e homogênea. Trata-se, pois, de diferentes grupos infantis ou infâncias com processos desiguais de socialização.

Dessa forma, desenvolver este tema é uma questão de sensibilidade à questão da infância, uma vez que a mesma deve ser compreendida como possibilidade de construção de uma cultura que também se expressa nas práticas corporais produzidas

historicamente pela humanidade através do jogo/brincadeira, dança, ginástica, esporte e luta. Nesse contexto perguntamos: Qual a relação existente entre cultura corporal e infância produzida pelas crianças da comunidade da Vila Nova Tatuoca?

Para isso, foi efetuado o levantamento das atividades de jogos e brincadeiras que eram praticados no meio rural e os que permaneceram depois da mudança pra o meio urbano, dialogando com as crianças e jovens em rodas de conversas e vivenciando algumas de suas atividades cotidianas através de imersões na comunidade.

Também dialogando sobre a importância das atividades de lazer através de alguns jogos e brincadeiras trazidos do meio rural e com os jogos que foram planejados em conjunto com as crianças, trabalhando a cultura corporal, passadas de geração em geração por meio da oralidade.

Para este estudo monográfico, portanto, utilizamos a “pesquisa-ação” (THIOLLENT, 1985) como ferramenta de aproximação e familiarização com a comunidade, sendo este o método que melhor expressava a intencionalidade e as demandas que surgiram para este trabalho.

Nesse sentido, organizamos este trabalho da seguinte forma:

No capítulo 1, buscamos identificar as concepções e o percurso histórico dos conceitos de infância e criança, para entender as implicações desses termos socialmente.

No capítulo 2, discutimos a temática do lazer, fazendo um levantamento histórico, passando pelo lazer infantil, lazer como direito social, prosseguindo com o direito de brincar da criança.

No capítulo 3, apresentamos os caminhos metodológicos pelo qual percorremos até a conclusão desta pesquisa, passando pelas metodologias utilizadas, até o aprofundamento das questões de Tatuoca

No capítulo 4, apresentamos as experiências produzidas junto às crianças de Tatuoca através do Projeto de extensão.

Por último, nas considerações finais, apontamos o lazer como uma possibilidade de resistência cultural dentro da comunidade de Tatuoca.

CAPÍTULO 1

1.1 INFÂNCIA E CRIANÇA: O PERCURSO HISTÓRICO DAS CONCEPÇÕES

Para começar, consideramos ser muito importante entender o percurso histórico da construção do conceito de criança, o que nos permite entender os conceitos que temos na atualidade. Primeiramente trazemos a definição que o dicionário faz para esses dois termos. De acordo com o dicionário Aurélio, criança é “ser humano na fase da infância, que vai do nascimento à puberdade”, e infância “período do desenvolvimento do ser humano, que vai do nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia” (FERREIRA, 2004).

Na etimologia o termo ‘infância’, em latim *in-fans*, quer dizer *sem linguagem*. Isso implica em dizer que, não possuir uma linguagem era também não possuir um pensamento, nem conhecimento ou mesmo raciocínio. O que significava que a criança era considerada alguém a ser adestrado, moralizado e educado (CASTRO, 2010).

Sarmento (2007) nos diz que na história a criança vem sendo definida de forma invisível, pois a sua história é contada e escrita a partir da ótica dos adultos, ou seja, não é a visão da criança que se é contemplada e sim a forma de perceber esta criança, por meio dos discursos dos adultos. A realidade mostra que sempre houve crianças, ao mesmo tempo em que nem sempre houve infância. Segundo Garcia (2001, p.14), “A consideração das crianças como um grupo etário próprio, com características identitárias distintas e com necessidades e direitos é muito recente, é mesmo um projeto inacabado da modernidade”.

De acordo com Gouvêa (2003, p.13), “a história da criança brasileira acontece no quadro das mudanças societárias, sendo que as múltiplas vivências da infância ocorreram em razão do pertencimento social, racial e de gênero”. A concepção da infância está sempre em construção, logo que perpassa por diferentes

contextos dependendo da cultura, região, onde se encontra a criança na sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre e da mesma maneira.

Ao contrário, a concepção de infância surgiu com a sociedade burguesa, ao mesmo tempo em que mudavam a inserção e o papel social da família, da criança e da mulher, na sociedade. Porém, no Brasil a infância constitui-se em meio à diversidade. Podemos perceber isso em BRASIL (2007),

[...] é preciso considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos: no Brasil, as nações indígenas, suas línguas e seus costumes; a escravidão das populações negras; a opressão e a pobreza de expressiva parte da população; o colonialismo e o imperialismo que deixaram marcas diferenciadas no processo de socialização de crianças e adultos (BRASIL, 2007, p. 15).

Muitas são as transformações que surgiram dando uma compreensão diferente sobre a criança e a infância, que dentro do contexto histórico nos faz entender o que cada sociedade enxergava quanto à criança. As crianças passam a ser consideradas cidadãs, pessoas que possuem direitos, que produzem cultura e são nela produzidas.

Essa maneira de ver as crianças favorece compreendê-las e também olhar para o mundo a partir de um novo ponto de vista. A infância mais que uma fase, faz parte da história, sendo assim há uma história humana porque o ser humano tem infância.

Atualmente os conceitos constituem foco de debate de discussões e alcance de direitos na sociedade brasileira, é preferível que busquemos entender os diferentes conceitos dados à criança e infância em cada época e sociedade na história.

1.2 A CRIANÇA E INFÂNCIA NA IDADE MÉDIA

Na idade média, a criança logo era inserida ao universo adulto, limitando-se pouco tempo para viver seu ser “criança”, pois era substituída pelo seu ser “adulto” antes mesmo que isso fosse efetivado. Segundo Cortez (2011), no momento em que a criança aparece na escrita e na arte, é destacada a infância como a especificidade da criança, diferenciando-a do adulto.

O autor ressalta que, a inexistência de representações da vida da criança na Idade Média teve como razão a indiferença por uma fase da vida que se mostrava incerta e ao mesmo tempo, representativa.

De acordo com os estudos de Áries (1981) apud Cortez (2011) até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se deve à incompetência ou à falta de habilidade. E mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Para Cortez (2011),

Na Idade Média, a infância terminava para a criança ao ser esta desmamada, o que acontecia por volta dos seis a sete anos de idade. A partir dessa idade, ela passava a conviver definitivamente com os adultos. Acompanhava sempre o adulto do mesmo gênero e fazia o mesmo que eles: trabalhava, freqüentava ambientes noturnos, bares, etc (CORTEZ, 2011, p. 02).

A “descoberta” da infância teria de esperar pelos séculos XV, XVI e XVII, quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial. No decorrer dos séculos o conceito de infância foi surgindo, a partir do momento que a criança passou a ser vista diferente de um adulto e começou a viver o ser “criança” dedicando esse tempo ao que se denomina “infância”. Essa nova conceituação foi uma transformação histórica e social,

Foi somente no século XVIII com o surgimento do sentimento de infância, que a concepção de infância se efetivou. A partir daí elas passam, do ponto de vista biológico, a ser tratadas com particularidades, a serem percebidas na sua singularidade por possuírem sentimentos próprios (NIEHUES; COSTA, 2012, p.285).

Na Idade Média, as crianças eram consideradas somente do ponto de vista biológico. Logo, vê-las pela perspectiva social não foi possível. Essa concepção ou carência de concepção de infância permaneceu por vários séculos. Portanto, não havia uma concepção precisa de infância no período da Idade Média, e que por diversas vezes as crianças eram ignoradas.

1.3 A CRIANÇA E INFÂNCIA NA IDADE MODERNA

De acordo com SILVA (2009), o século XVI foi marcado por grandes transformações na sociedade, com o crescente poder da classe burguesa, foram surgindo novos ideais, dando lugar a uma nova sociedade. Houve também o avanço

dos conhecimentos científicos, que contribuíram de forma significativa na redução da mortalidade infantil.

[...] a idéia de infância surge no contexto histórico e social da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil graças ao avanço da ciência e a mudanças econômicas e sociais. Sabemos que a ideia de infância, da maneira como hoje a conhecemos, nasceu no interior das classes médias que se formavam no interior da burguesia. (KRAMER, 2003 apud SILVA, 2009, p. 12).

No contexto das transformações acarretadas pelo surgimento desse novo olhar para a criança, vê o quanto foi importante para seu desenvolvimento e conquistas. A criança começa a ocupar um maior espaço dentro da sociedade e novas demandas passaram a surgir para atender às suas necessidades. Assim, o capitalismo, o desenvolvimento do conhecimento científico e a constituição das instituições educacionais são fatores que estão associados à chamada infância moderna.

[...] se na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa, ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Esse conceito de infância é, pois determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade (KRAMER, 2003 apud SILVA, 2009, p. 19).

O sentimento de infância, de acordo com Áries (1981) apud Cortez (2011), é criado na modernidade o que leva a perceber a existência, a valorização e as particularidades da infância, contudo, não são reconhecidas e praticadas da mesma forma por todas as crianças, pois ter e viver a infância depende de suas condições sociais, culturais e econômicas.

Para as crianças pobres, permanece a compreensão de “ser selvagem”, sendo reservado às mesmas, o lugar do trabalho barato, castigos corporais e privação da cultura. As crianças eram oriundas das classes trabalhadoras que tinham sua “infância” destruída em nome de um ideal de modernidade e evolução. Muitos morriam trabalhando nas indústrias ou devido às péssimas condições de higiene, outros tinham partes do corpo mutilados e a maioria não recebia pagamento pelo seu trabalho. Segundo Amarilha (2002):

A pressão da nova ordem social estabeleceu dois canais básicos de intercâmbio do adulto com a criança: 1. A burguesa emergente foi levada a criar escolas urbanas, não monásticas para que seus filhos dominassem os rudimentos da leitura, da escrita e da aritmética e pudessem assim, habilitarem-se a condição de adultos dirigentes. 2. O segundo canal foi a percepção de que a criança pobre e os filhos bastardos teriam valor como

mão de obra barata, o que contribui para desenvolverem-se cuidados com a infância visando a diminuição da mortalidade[...] Com essa visão pragmática, capitalista, é que a infância começa a ter um espaço social mais definida (AMARILHA, 2002, p. 128).

Sabe-se que muitos fatores favoreceram para o surgimento do sentimento de infância. Destacando, entre eles, a produção de brinquedos específicos para crianças, o processo de escolarização, separando as crianças do espaço a que eram submetidas no convívio com os adultos, como também a nova configuração de família.

No final do século XVII, com o surgimento da escola moderna, a família organizou-se com o olhar para a criança, e então a amabilidade e educação se tornaram fundamentais. A família passa a ter uma função moral e espiritual, com o advento da modernidade, não sendo mais dela a responsabilidade de preparar os filhos para as funções e encargos adultos e sim papel da escola, tendo o exercício de discipliná-los.

No século XVII, a criança passa a ser vista como não preparada para viver a vida, sendo colocada a responsabilidade para os pais, de garantir-lhes a formação espiritual e moral, e a garantia de sua sobrevivência. Como também nessa época as crianças são enviadas para as escolas, para aprenderem o ensino da moral, religião, leitura e aritmética.

De Ângelo (2008) isso fez com que a criança ganhasse espaço e importância perante a sociedade e na vida dos indivíduos adultos. Evidenciou, ainda, que é um conceito que tem suas bases na desconstrução da necessidade de adultização das crianças. Essa construção social da criança definiu-a como reprodutora do conhecimento, identidade e cultura, reconhecendo a infância como base para o desenvolvimento futuro, uma vez que,

A criança é uma *tabula rasa* na qual podem ser inscritos quer o vício quer a virtude, a razão ou a desrazão, sendo missão da sociedade promover o crescimento com vista a uma ordem social coesa. A imanência da criança torna cada ser humano um projecto de futuro, mas que depende sempre da “moldagem” a que seja submetido na infância. A concepção lockiana propõe uma atenção às disposições e motivações infantis e nesse sentido precede concepções desenvolvimentistas que só vão florescer séculos mais tarde (SARMENTO, 2007, p.32).

No início da Modernidade, a concepção de criança começou a ser redimensionada no contexto social. As famílias começaram a preocupar-se com a Educação das crianças. Essa preocupação garantiu às crianças que não participassem mais de todas as atividades desenvolvidas pelas pessoas adultas. As crianças passaram a ter um ‘mundo’ próprio e se apropriar do que lhes era específico: processos educacionais, brinquedos e brincadeiras, dentre outros elementos.

Esse fato contribuiu para o surgimento da instituição escolar. A escola apareceu para estabelecer normas que comportassem a sociedade vigente. A criança, considerada agora um ser frágil em sua constituição física, na conduta pública e na moralidade, necessitava ser ensinada, regulada e adestrada para o convívio com os demais e para as novas regras sociais.

Com todo esse processo, no século XVIII, as crianças continuam sendo concebidas como uma projeção para a vida adulta. Por fim, consideramos que os séculos XVII e XVIII constituem o período histórico em que a moderna ideia da infância se cristaliza definitivamente. Com o advento da revolução industrial no século XIX, a criança foi aceita e/ou submetida a entrar no mundo do trabalho. Com isso, a identidade infantil foi alterada. Igualmente foram divididas as funções da escola e os papéis da família.

À escola coube a instrução cultural da criança, e à família, a função moral e afetiva da criança. A educação e o trabalho configuraram o que era o mundo infantil. Assim, as crianças eram ensinadas (educação e trabalho) a partir dos quatro anos de idade. Especificamente no Brasil, a organização do sistema de intervenção social que pensa a infância, começa a ser estruturada numa conjuntura marcada pela expansão da industrialização pela crescente urbanização. Nesse período do século XIX, os filhos da classe trabalhadora eram submetidos às mais cruéis formas de exploração, sobrevivendo em precárias condições.

1.4 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA NA ATUALIDADE

Ao falar do lugar da criança na atualidade, é de grande relevância que lembremo-nos que os conceitos estabelecidos de criança e infância é o aspecto decisivo que dá margem a discussões não só em âmbito educacional, mas também em discussões

sociais, pois se hoje a criança é considerada um ser de direitos e que portanto possui suas singularidades, é por que o seu conceito e importância foi sendo modificado ao longo da história.

De acordo com Fontana e Cruz (1997) o auge do direcionamento para conhecer a criança, onde se inicia um estudo aprofundado e efetivo do estudo sobre a criança e de suas características acontece a partir do século XX. O início do século XX é marcado por uma concepção de escola assistencialista, momento registrado pela fundação das primeiras instituições pré-escolares com caráter assistencialista no Brasil. O que não acontecia em países europeus, onde foram fundadas em primeira instância as creches e posteriormente os jardins-de-infância (KUHLMANN, 2002).

Com a institucionalização da escola e da infância, o conceito dado à criança começa gradativamente a sofrer significativas mudanças, considerando a escolarização das crianças. Se antes a sociedade coloca a criança imersa no mundo adulto, para que aprendam o ofício da família, na contemporaneidade essa criança é resguardada e separada por faixa etária.

Assim, no século XX, a educação brasileira acompanha transformações econômicas, políticas e sociais, entre as quais se destacam o debate em torno do cuidado, preservação e preparação da infância. A percepção desse progresso se dá quando, nas discussões recentes, notabilizam-se aspectos que, de maneira geral, não eram considerados em discussões anteriores. Nas discussões contemporâneas, alguns autores (ARROYO, 2000; FREITAS, 2002; GHIRALDELLI, 2006; KRAMER, 2003a; 2003b; SARMENTO, 2003; 2007; 2008 e outros) são consonantes em afirmar que a criança é um ser histórico e social.

Em suma, o sujeito social é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e lhe dá sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com as outras pessoas, à sua própria história e à sua singularidade.

Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere. Nessa perspectiva, a condição humana é vista como um processo, no qual o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie. Os estudos recentes sobre a infância consideram o conjunto de experiências vividas pelas

crianças em suas realidades históricas, geográficas e sociais.

Nesse sentido, Kuhlmann Junior (2007) afirma que considerar as crianças como sujeitos históricos e sociais é se desvencilhar de discursos sobre a representação que as pessoas adultas têm das crianças e da infância e sim articular um discurso que considere as crianças concretas, identificadas nas relações sociais em seus lugares históricos, geográficos, culturais, políticos e sociais e, além disso, reconhecê-las como produto e produtoras da história.

Pensar a criança ao longo da evolução da humanidade, de modo a fazer e ser história em diferentes momentos e situações, só é possível quando a criança é compreendida como sujeito histórico e social. Definir a criança como sujeito histórico e social é conceber a infância como experiência humana. É acreditar que a infância é parte integrante da história de todas as pessoas e não apenas um momento transitório da vida.

Pelo apresentado, evidenciamos que as concepções recentes de infância são respaldadas por uma leitura social sobre a infância e as crianças, logo não defendem uma única concepção de infância, uma concepção genérica a todas as crianças. A infância passa a ser concebida como uma categoria social. Ampliando a discussão, podemos afirmar que a infância, ao longo das transformações sociais, tornou-se uma categoria de referência histórica, cultural e social.

A compreensão que a colocava num estado biologizante deu lugar a discussões maiores que passaram a considerar a existência de diversas representações da infância e da própria criança em um mesmo momento histórico. Franco (2002), em uma de suas análises, em que buscou compreender a infância e a criança, assinalou que a história da infância, em especial no Brasil, esteve permeada por conceitos como: privação cultural, marginalidade social, econômica e, ainda, educativa. Assim, é pertinente situar a infância na contemporaneidade e saber quem é este “ser” criança no atual contexto socioeconômico.

Pode-se dizer que a infância é um conceito sócio-histórico, não compreensível caso seja deslocado de sua realidade. Sarmiento (2007) menciona que dentro do conceito infância há várias infâncias. O estudioso explica que na infância global existe a desigualdade e esse dado é essencial para contemplar as

distintas infâncias na contemporaneidade.

Pelo mencionado até aqui, constatamos que a infância, na complexidade plural de suas formatações, é inserida junto a um discurso histórico, decorrente de variados contextos. Dessa forma, a criança apareceu na história de maneira concreta, datada, situada, fazendo parte de um contexto favorável ou não à sua pessoa; de uma categoria social. Assim, a infância ou as infâncias seriam compreendidas de diferentes maneiras, de acordo com o lugar que ocupam na sociedade, ou seja, infâncias diversificadas, multiculturais, constituídas em distintos contextos sociais, tempos e espaços de vida, marcada pelas diferenças de direitos, de deveres, de acesso a privilégios, de faltas e de restrições. (REDIN *et al*, 2007). Arroyo (2000) escreve que no decorrer da história temos uma concepção idealizada da infância.

Essa concepção não faz sentido na contemporaneidade pelas diversas discussões que contempla e pelos avanços teóricos, políticos e culturais, dentre outros preconizados na e pela sociedade atual. O autor aponta que a infância deve ser entendida tal como se dá na realidade do momento histórico. A partir dessa premissa, Arroyo (2000) adverte que as imagens reais da infância no mundo “moderno” são outras, e que a sociedade ainda a contempla diante de uma imagem romântica e mágica.

Como procuramos demonstrar aqui, muitos foram os avanços relativos às concepções de infância no decorrer da história. Esses avanços oportunizaram às crianças passarem do status de “não ser” ao status de sujeitos históricos, sociais e titulares de direitos. No entanto, Kramer (2003) evidencia que esse status não garante a igualdade frente às distintas formas de ser criança e viver a infância.

De certa forma, as crianças ainda são percebidas socialmente como objetos, uma espécie de abstração. Logo, na maioria das ocasiões, não se leva em conta as diferentes classes e/ou contextos sociais em que estão inseridas. Frente a essa afirmação, é possível explicitar que, dependendo da classe e do contexto social em que a criança está inserida, a conotação de infância sofre diferenciações. No discurso social ou educacional, identificam-se alterações no que diz respeito à formação de valores, os quais irão direcionar, muitas vezes, a postura das pessoas diante da sociedade. O reconhecimento das diferentes infâncias é imprescindível para que

todas as pessoas sejam respeitadas no decorrer de suas experiências. Assim, feitas algumas considerações gerais sobre o percurso histórico das concepções de infância, tratar-se-á, em seguida, da infância no âmbito da sociedade brasileira. O objetivo do próximo tópico é o de apresentar como se deu, historicamente, o processo e o entendimento relativo à infância e ao contexto das crianças na referida sociedade.

CAPÍTULO 2

2.1 O LAZER

Para falarmos sobre lazer infantil, é necessário entender o lazer, sua definição e importância na qualidade de vida das pessoas. A necessidade de se estudar o lazer teve início a partir da Revolução Industrial, ainda no século XVIII, durante esse período o lazer estava relacionado simplesmente ao ócio, ao repouso necessário para recuperar as forças do trabalhador. Dumazedier (2000) afirma que o objetivo do lazer não está apenas no repouso. Além do descanso há o divertimento e entretenimento e o desenvolvimento pessoal e social. Dessa forma o lazer está ligado à sociabilidade, à criatividade, à ludicidade, ao investimento na vida pessoal, como educação e o turismo, à saúde, enfim, a diversos aspectos ligados à qualidade de vida. Dumazedier expõe que:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2000, p. 34).

Segundo Marcellino (2001) a sociedade industrial rejeita o ócio e pelo fato de o lazer ser diretamente reduzido a isso, muitas pessoas não o colocam como um valor central, priorizando mais o tempo e o trabalho. O lazer é constituído um direito social como está no artigo XXIV da Declaração dos Direitos Humanos e no capítulo 2, artigo 6º da Constituição Brasileira de 1988. Portanto o lazer é uma das necessidades básicas do ser humano.

De acordo com Dumazedier (1994, p. 31) “o lazer é definido, nos dias de hoje sobretudo, por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana”. É um tempo em que se pode libertar das “tendências longamente contidas ou reprimidas pelo peso do trabalho e das instituições normativas”, permitindo “uma forte expressão social de si mesmo, através do corpo, do coração ou do espírito” (DUMAZEDIER, 1994, p. 48).

O tempo voltado para o lazer difere daquele ligado às obrigações; é o chamado tempo livre, esse, associado ao lazer é um momento em que as pessoas podem interagir, trocar conhecimento e adquiri-lo através de atividades culturais como ir ao cinema, ao teatro, assistir a espetáculos, programas educativos na TV, viajar, fazer cursos, etc. O aprendizado, portanto, ultrapassa os muros da escola e se torna um processo contínuo.

Mas nem todas as atividades realizadas durante o tempo fora do trabalho remetem ao lazer como cuidar da casa, dos filhos, o tempo com cuidados pessoais, dentre outros. A festa como o jogo, se liga ao lúdico, ao divertimento e ela permite que os sentimentos sociais sejam liberados, quebrando a rotina, devido aos excessos que são permitidos, criando outro mundo, distanciando-se da realidade e, através dessa efervescência coletiva, constituindo-se também como uma forma de sociabilidade.

Sabe-se que os avanços tecnológicos têm possibilitado às pessoas usufruírem de lazer, a partir de aparatos industrializados, mas percebê-lo apenas como cultura de consumo leva à exclusão, já que o acesso a esses bens se restringe a uma parte da sociedade que possui condições que favorecem isso.

A sistematização dos estudos sobre lazer no Brasil é recente, porém, de acordo com Gomes e Melo (2003), houve um crescimento nas pesquisas sobre o tema e “uma perspectiva interessante para contribuir para um salto de qualidade no campo é compreender o desenvolvimento histórico e o atual estágio do lazer em nosso contexto.” (GOMES e MELO, 2003, p. 25). Segundo Gomes e Melo (2003)

[...] o Brasil, se desde o século XIX as preocupações com o lazer da população já estavam presentes nos discursos de engenheiros e sanitaristas responsáveis pelas reformas urbanas típicas da modernidade (Melo, 2001); evidências indicam que a necessidade de se estudar “o problema do lazer” de forma mais estruturada começa a se configurar nas primeiras décadas do século XX (GOMES e MELO, 2003, p; 26).

De acordo com Marcellino et al (2001),

a caracterização de nossa sociedade como predominantemente urbana começa a se configurar a partir do censo de 1970, tendência essa confirmada pela análise dos números levantados em 1980, e mais contemporaneamente com ênfase na concentração da população nos grandes centros urbanos. Mesmo que convivam, ainda hoje, os dois “modelos” de sociedade, em diferentes regiões do país, os valores veiculados pela indústria cultural, através dos meios de comunicação de massa, são os da sociedade moderna – urbana - industrial fazendo com que as questões relativas ao lazer sejam entendidas a partir desses valores hegemônicos (MARCELLINO et al 2001, p. 20)

O lazer foi, durante muito tempo, considerado um fato essencialmente urbano, mas deve-se ter em mente que as atividades de lazer fazem parte da vida de qualquer sociedade, seja ela rural ou urbana. As festas, a religiosidade, o trato com as pessoas, através de gestos e ações que demonstrem intimidade, são prova de que valores tradicionais ainda persistem, provando uma hibridização entre o tradicional e o moderno. Apesar de o rural ter se modificado em diversos aspectos, deve-se levar em consideração as diferentes realidades brasileiras. Há espaços onde as tecnologias transformaram rapidamente a paisagem e colaboraram para mudanças nas formas de pensar da população local. Porém há lugares em que as mudanças ocorrem lentamente.

As desigualdades econômicas e a falta de estrutura social podem impedir as pessoas de aproveitar o tempo livre, como por exemplo, a falta de acesso a meios de transporte e meios de comunicação. Por isso, as políticas públicas são essenciais para garantir qualidade de vida à população. Dumazedier (2000) destaca que:

O crescimento do lazer está longe, no entanto, de ser igual em todas as camadas da sociedade. [...]. Os seguintes fatores impedem ou retardam o desenvolvimento qualitativo de lazer: insuficiência ou inexistência de um equipamento recreativo ou cultural coletivo, falta de recursos familiares e dificuldades ligadas ao exercício da profissão. Nesses meios sociais, a necessidade de lazer poderá determinar estados de insatisfação, particularmente agudos (DUMAZEDIER, 2000, p. 26).

2.2 DIREITO AO LAZER

A partir da Constituição Federal Brasileira, o lazer se tornou um direito social, firmado no artigo 6º. O artigo 217 inciso VI parágrafo 3º dessa mesma Constituição afirma que o *Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social*.

Portanto, o governo através da esfera federal, estadual e municipal, deve garantir esse direito, estabelecendo políticas públicas para atender às demandas sociais. O governo deve planejar, executar e também avaliar as políticas públicas que devem ser levadas à população, discutidas com elas. Essas políticas devem estar de acordo com as necessidades e as aspirações dos cidadãos, portanto deve ser uma medida tomada em conjunto.

A constituição brasileira, inspirada no documento da ONU sobre os Direitos Humanos deixa claro que o lazer é um direito de todos, sem distinção; é igualitário, necessário à qualidade de vida. Porém sabe-se que isso não tem ocorrido; que o Estado não tem cumprido com essa responsabilidade. Em 1995 foi criado o Ministério do Esporte e os assuntos sobre o lazer ficaram a cargo deste. “Isto porque o esporte apresenta como uma de suas dimensões a recreação, e por esta razão o lazer foi apropriado nesta concepção e adotado como um dos temas a serem tratados pelas políticas do esporte” (MARCELLINO, 2001, p. 33).

Esse ministério tem como objetivo implantar as diretrizes relativas ao Plano Nacional de Esporte e aos Programas Esportivos Educacionais, de Lazer e de Inclusão Social. O esporte se beneficia com mais recursos por dar maior visibilidade ao governo. Na maioria das vezes percebem-se políticas públicas atrelando o lazer simplesmente ao esporte e à cultura. Mas segundo Marcellino (2001), política ligada ao lazer,

significa falar em redução de jornada de trabalho – sem redução de salários, e, portanto, numa política de reordenação do tempo, numa política de transporte urbano, etc.; significa também em falar numa política de reordenação do solo – urbano, incluindo aí os espaços e equipamentos de lazer, o que inclui a moradia e seu entorno, e, finalmente, numa política de formação de quadros profissionais e voluntários para trabalharem de forma eficiente e atualizada. (MARCELLINO; 2001, p. 11)

O autor, que estuda políticas de lazer no meio urbano, afirma que o bem-estar da população está atrelado a vários setores que venham a permitir o lazer, o que não diferencia das necessidades no meio rural. É importante que o Município tenha compromisso e responsabilidade para proporcionar à população local acesso ao lazer, pois cabe à administração Municipal resolver questões de interesse local.

Há lugares onde nem todos podem desfrutar do lazer por vários motivos como à falta de tempo, falta de condições materiais, falta de espaços e equipamentos

apropriados para isso. Isso mostra que o lazer não pode ser tratado de forma isolada, devendo haver uma articulação entre vários atores sociais para que determinados objetivos sejam definidos e alcançados.

O lazer é um tema que merece atenção tanto por parte do governo quanto por parte da população. A forma como vêm sendo formuladas e aplicadas as políticas públicas diz muito sobre a sociedade brasileira e as transformações pelas quais ela vai passando.

Devido a determinadas prioridades sociais, o lazer tem sido considerado menos importante, e de certa forma, por meio de outros programas e políticas voltadas a suprir outras necessidades, o lazer acaba sendo indiretamente beneficiado. A maneira como a questão do lazer é tratada demonstra que ainda há muito que caminhar para que alcancemos o desenvolvimento, no sentido amplo da palavra.

2.3 BRINCAR: DIREITO DA CRIANÇA

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) traz para esses sujeitos o direito ao brincar e às brincadeiras, reafirmando estes como direito de cidadania da criança, definindo seus direitos à educação. No artigo 16 é apresentado, entre outros, os direitos de, IV - brincar, praticar esportes e divertir-se. Considerando a criança como um sujeito, visto que, apresenta seu direito de ir e vir, de se expressar e de opinar, brincar, se divertir e participar, nos faz perceber uma preocupação em tratar a criança como sujeito de direitos capaz de contribuir de maneira ativa na construção de sua vida e da sociedade onde vive.

De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasil (1996), as brincadeiras e a interação são os dois eixos que norteiam as práticas pedagógicas da Proposta Curricular a ser desenvolvida na Educação Infantil, com objetivo de garantir as seguintes experiências: promover o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

Favorecer a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica,

dramática e musical; possibilitar às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; recriar, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais; ampliar a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

Possibilitar situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; possibilitar vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade; incentivar a curiosidade, a exploração e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza; promover o relacionamento e a interação das crianças com diversas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; promover a interação, o cuidado e a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais; proporcionar a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições brasileiras (BRASIL, 2006, p. 25-27).

De acordo com a LDB (1996), a promoção das experiências supracitadas deve ser feita pelas instituições de Educação Infantil ao elaborar a sua proposta pedagógica, de modo a considerar também a identidade da escola, o diálogo entre os diferentes profissionais, propiciando um trabalho coletivo, respeitando as especificidades pedagógicas a partir do convívio com as crianças. O documento da Política Nacional de Educação Infantil (2006) mostra, ao apresentar os princípios que regem a Educação Infantil, aponta que as propostas pedagógicas para esse nível de ensino devem se apoiar nas seguintes concepções:

[...] As propostas pedagógicas de Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre natureza e sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2006, p. 1).

O artigo anterior indica que a ação educativa deve focar a infância como

espaço-tempo de direitos a serem vividos com a exploração de múltiplas linguagens, a partir de um olhar que considera a criança como um ser social, histórico e cultural, capaz de contribuir de forma ativa e criativa na sociedade em que vive.

O brincar e as brincadeiras também são centrais não só na legislação, mas também nas reflexões de teóricos que se dedicam às pesquisas com as crianças e as infâncias. Nos baseamos nos estudos de Marcellino (1996) para tratar da importância da preservação dos jogos e brincadeiras. Entre as tradições que vão sendo esquecidas estão as antigas brincadeiras e jogos infantis, substituídos pela televisão, pelos brinquedos industrializados, e mais recentemente, pelas possibilidades abertas pelo mundo da informática, estas ainda restritas a determinadas camadas da população.

[...] a criança enquanto produtora de cultura, necessita de espaço para essa criação. Impossibilitada dessa criação torna-se consumidora, ainda sem repertório suficiente para que esse consumo se dê de forma crítica e criativa. [...] as consequências mais negativas desse processo, provavelmente, seja a diminuição das ocasiões de reunião das crianças, isto é, das brincadeiras coletivas, tão importantes no aprendizado da vida em grupo e no desenvolvimento do sentimento comunitário. (MARCELLINO, 1996, p. 41-42).

Outra dessas consequências negativas é a eliminação, quase total dos brinquedos rústicos, feitos em casa, pelas próprias crianças, através da utilização de material simples e barato. A confecção desses brinquedos constitui, além da diversão em si mesma, oportunidade de aprendizagem e aprimoramento de habilidades manuais e intelectuais. Além disso, essas brincadeiras fazem parte da história da cultura brasileira, mostrando as diversas influências que marcaram a formação e socialização das antigas gerações. É preciso, portanto, conservar sua memória, evitando que se percam.

CAPÍTULO 3

3.1. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Ao longo do tempo, muitas experiências se acumularam e um saber social foi construído com a contribuição do trabalho de diversos profissionais, no contato com as comunidades empobrecidas, na prática diária e também na troca com o saber produzido pela academia. É importante conhecer o caminho que foi percorrido durante o trajeto da relação com a comunidade de Tatuoca.

Começando com o projeto de extensão “Crianças de Tatuoca: construindo a infância” em 2016, no ano seguinte continuamos em Tatuoca desenvolvendo dessa vez o projeto de extensão intitulado “Lazer e extensão rural na comunidade de Tatuoca” em 2017, para então em 2018 prosseguirmos com os trabalhos com o enfoque dessa vez na Educação Física “Cultura corporal e infância na comunidade de Tatuoca”, ambos da UFRPE, entre outros aspectos o que ligou os três projetos foi a metodologia utilizada, onde a pesquisa-ação foi definida como melhor proposta para as intervenções. A pesquisa-ação pode ser definida como,

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1985, p. 14).

Sendo esta pesquisa realizada a partir da análise dos dados recolhidos durante a permanência no projeto de extensão anteriormente citado, por meio de relatórios, diário de campo, entrevistas e diálogos com o público alvo (crianças) e com a comunidade, foram recolhidos uma quantidade significativa de informações e dados desta pesquisa.

Neste trabalho monográfico, optamos pelo método de pesquisa exploratória de caráter qualitativo para analisar os dados obtidos em campo. Para isso, tivemos como base os estudos de acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória...

Têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. [...] Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão". (SELLTIZ et al., apud GIL, 2002, p. 41).

Sendo esta pesquisa realizada a partir da análise dos dados recolhidos durante a permanência no projeto de extensão anteriormente citado, por meio de relatórios, diário de campo, entrevistas e diálogos com o público alvo (crianças) e com a comunidade.

Nas pesquisas de campo, realizamos imersões na comunidade, a fim de buscar confiança e credibilidade com os moradores da comunidade, a fim de tornar esse projeto exequível. Compreendemos a pesquisa de campo baseada nos estudos de Gil (2002),

Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado. [...] O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. (GIL, 2002, P. 53).

Nessas imersões, o grupo composto por estudantes e professores de diferentes áreas do conhecimento da UFRPE compartilhava a mesma casa na comunidade por cerca de cinco (5) dias consecutivos, em diferentes períodos do ano, geralmente essas imersões eram realizadas em datas festivas, como por exemplo: dia das crianças, ciclo junino, dia das mães, carnaval, entre outros.

Desenvolvemos oficinas e atividades, assim como, participamos ativamente dos momentos de alimentação como, café da manhã, almoço e jantar, aprendendo sobre seu modo de lidar com o alimento. Não deixando de fora os momentos de lazer, sempre em comunhão com a comunidade, que iam desde brincadeiras junto às crianças a conversas descontraídas com as mulheres da comunidade. Segundo Gil (2002, p. 53): “[...] no estudo de campo, estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes.”.

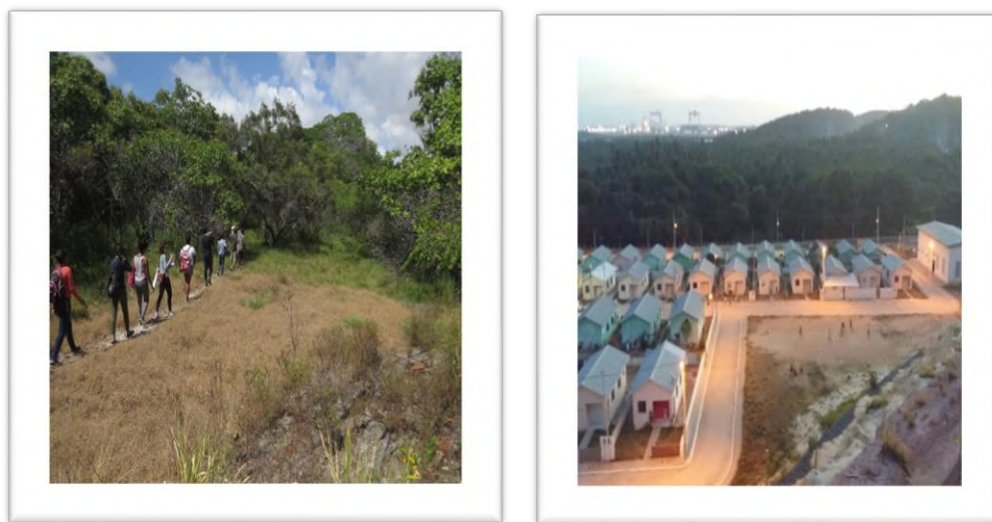
3.2. TATUOCA

Para uma melhor compreensão da nossa pesquisa, se faz necessário conhecer um pouco melhor sobre o passado, o presente e os conflitos que cercam Tatuoca.

A comunidade Vila Nova Tatuoca ou apenas “Tatuoca” com é mais conhecida, foi escolhida para o desenvolvimento das atividades de extensão devido a seus moradores terem pertencido à Ilha de Tatuoca no município de Ipojuca/PE. Segundo Solá Pérez (2016) habitavam setenta e cinco (75) famílias, que estavam estabelecidas há cerca de 200 anos.

Contudo, no ano de 2014 essas famílias foram obrigadas a sair de suas terras para morar em casas de conjunto habitacional, ao qual foi dado o nome de Vila Nova Tatuoca, construídas pelo Estado de Pernambuco, o “Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros-CIPS” (Solá Pérez, 2016, p. 13), e a Caixa Econômica Federal, na praia de Suape, município do Cabo de Santo Agostinho - Pernambuco.

Figura 01: Ilha de Tatuoca-Ipojuca/PE (esquerda) x Vila Nova Tatuoca – Cabo de Santo Agostinho/PE (direta).



Fonte: Registros do projeto de extensão UFRPE em Tatuoca, 2017.

A imagem a esquerda compõe o cenário da Ilha de Tatuoca, no município de Ipojuca/PE, a qual tivemos a oportunidade de visitá-la em 2017, fazendo uma trilha por entre boa parte da Ilha, conhecendo os sítios onde moravam seus habitantes, podemos ter uma maior do impacto causado pela realocação. Na imagem à direita temos uma vista das casas da Vila Nova Tatuoca, município do Cabo de Santo Agostinho, onde atualmente moram as pessoas que viviam na Ilha de Tatuoca.

Essas famílias foram expropriadas para a instalação do Estaleiro Atlântico Sul e do Estaleiro Vard Promar. Ocasionando grandes impactos na cultura dessas pessoas, no que diz respeito a sua organização social, econômica e política, conseqüentemente em sua produção cultural imaterial, dentre estas a cultura corporal e de lazer.

Segundo Solá Pérez (2016) a poluição do ar e os resíduos sólidos devido às indústrias instaladas, fizeram com que, além dos problemas ambientais, a principal atividade produtiva dos moradores ao redor, como a pesca artesanal fosse prejudicada, gerando os conflitos ambientais e sociais. Implicando também na poluição das águas, do ar e do solo, prejudicando diretamente a saúde dos pescadores que habitam as proximidades.

Pérez e Gonçalves (2012, p. 10) descrevem: “Mas, acima de tudo, acontece a expropriação dos territórios dessas comunidades. O processo de desterritorialização é a negação da vida dessas comunidades pesqueiras que reproduzem suas vidas nesses territórios e não em outros.”.

Com a instalação dos Estaleiros surge a degradação do mangue e do território de pesca dessa comunidade, que acarretou na desconfiguração da forma de viver, trabalhar, se alimentar, inclusive impactando negativamente o modo de lazer dessas famílias.

O trabalho e a vida do camponês e da camponesa – isto é, mantendo uma relação metabólica com a natureza – com o uso de suas artes, conhecimentos e instrumentos; são desqualificados por um modelo avassalador que gera estranhamento, exclusão, negação da vida. (PÉREZ E GONÇALVES, 2012, pág. 10).

Na época em que os moradores viviam na Ilha de Tatuoca, eles construíram essa relação metabólica com a natureza de forma que influenciava positivamente no âmbito do lazer das crianças.

Porém, com a mudança do meio rural para o meio urbano, acaba afetando a segurança alimentar das crianças da comunidade, visto que mantinham relação direta entre o consumo de frutas e seus momentos de lazer, já que suas brincadeiras eram desenvolvidas em meio à natureza da Ilha, nas árvores frutíferas que tinham ao seu redor.

Para chegar nessa ideia de relação lazer e natureza das crianças, foi necessário fazer o exercício de entrar no universo delas, falar a língua que elas compreendem, e esse exercício empático vai influenciar em uma boa formação docente.

A formação de professores e professoras deve procurar, em primeiro lugar, tentar olhar as crianças “com olhos de crianças” e fazer o “exercício de ser criança”, sem, contudo, “infantilizar-se”, compreendendo o modo como elas constroem história e cultura no presente e, por conseguinte, a sociedade. (SILVA et, 2015, p. 9).

Buscamos sempre compreender o modo de viver da comunidade, nos momentos de descontração a convivência e compartilhamento de vivências e hábitos cotidianos foi o que nos aproximou a cada dia, fazendo com que a confiança surgisse de forma natural e entender um pouco melhor do universo daquelas crianças.

Pensar a infância como construção social, cultural, política e, nesses termos, a criança como sujeito que constrói a história e a cultura com o corpo em movimento no tempo e espaço social. A infância é, portanto, não só uma construção social, mas também histórica, ética, estética, pedagógica, política, cultural; e as crianças são sujeitos que constroem a pátria, que tem direitos e devem ser educadas e cuidadas com base na proteção, provisão e participação. (SILVA, 2012, p. 10).

As intervenções eram sempre discutidas previamente com todos os moradores em reuniões quinzenais na própria comunidade, inclusive com participação e voz ativa das crianças, discutindo a respeito dos planos de atividades para a culminância que era feita para a finalização de cada imersão.

Levamos as propostas e eles traziam as ideias de modificações para que as propostas se adequassem às suas demandas de tempo, disponibilidade e interesse. Entre uma atividade e outra, as interações nos possibilitaram realizar entrevistas informais para colher dados, seja sobre os jogos e brincadeiras realizadas na Ilha de Tatuoca, seja sobre como eles brincam na atual realidade urbana.

Ainda de acordo com Gil (2002), no estudo de campo, precisaríamos realizar todos os momentos de trabalho de forma presente na comunidade, por isso realizamos reuniões presenciais em Tatuoca, visto que dessa forma ajuda a fortalecer a importância de nós mesmo termos uma experiência direta com a situação do estudo, por isso vimos a necessidade de participar mais ativamente, tornando mais provável a interação e a conquista de confiança com os moradores e principalmente com as crianças, dessa forma oferecendo maior confiabilidade em suas falas e respostas aos nossos questionamentos.

[...] no interior da comunidade, efetuadas pelo coletivo docente e discente envolvidos no projeto, na perspectiva da pesquisa-ação, que segundo o autor, os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações. Dessa forma organizamos estes procedimentos em três etapas: a) Levantando problemas/discutindo superações; b) Reconhecendo as problemáticas significativas das práticas do lazer na comunidade; e c) A experimentação crítica do trato com o conhecimento jogos e brincadeiras. (THIOLLENT, 2003, p. 15).

Algumas técnicas foram adotadas para a coleta de dados para essa pesquisa, elaboramos entrevistas aplicadas coletiva e individualmente, também aplicamos questionários, que visavam aprofundar o nosso conhecimento sobre a comunidade, funcionando como um instrumento para uma avaliação diagnóstica da comunidade.

Outras técnicas aplicadas foram: a observação participante, ouvindo e analisando a história de vida, e fazendo a análise do conteúdo social. Estes foram os métodos que

se mostraram necessários para a investigação das situações marcadas por relações de injustiças sociais, ou seja, desenvolvimento de órgãos público/privados em detrimento de populações de modo de vida rural.

Para tanto, realizamos reuniões de planejamento, encontros de aprofundamento teórico e reuniões com a comunidade para avaliar o melhor período de execução das atividades. Além disso, aplicamos questionários para mapear os jogos e brincadeiras que eram vivenciadas pelos pais das crianças da Ilha antes da expropriação para Suape.

Por meio de oficinas, aproveitamos o período das olimpíadas para tematizar o conteúdo do atletismo, relacionando com as práticas corporais cotidianas das crianças. A partir daí, desenvolvemos o “festival de atletismo de Tatuoca”, considerando três polos de atividades. 1º atividades que surgiram da memória coletiva; 2º as atividades e jogos propostos pela equipe do projeto; 3º jogos e brincadeiras praticadas pelas crianças.

Com a conclusão das oficinas, construímos em conjunto com as crianças um festival olímpico de Tatuoca, em comemoração ao dia das crianças. Até então, percebemos que as oficinas estimularam e ampliaram a criatividade das crianças no sentido de possibilitar a criação de novos jogos e brincadeiras que ampliam ainda mais o repertório cultural das crianças.

Dando continuidade ao projeto anterior, com o novo projeto denominado “Lazer e extensão rural na Comunidade de Tatuoca”, neste novo projeto, buscamos conscientizar e incentivar a cultura corporal e o autorreconhecimento dos indivíduos como agentes da preservação da história da Ilha.

Para a definição de pesquisa, optamos pelo embasamento em Gil (2002), onde podemos defini-la pesquisa como:

O procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (GIL, 2002, p. 17).

A Metodologia desenvolvida durante o projeto de extensão considera a ação reflexiva e a indissociabilidade entre ensino, a pesquisa e extensão como princípios fundamentais no contexto da formação profissional. Conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física (UFRPE, 2010), O primeiro princípio é o

precursor da atitude didática da ação-reflexão-ação que aponta a problematização da práxis pedagógica como uma das estratégias privilegiadas na postura docente, pois todo fazer implica uma reflexão e toda reflexão implica um fazer.

A pesquisa-ação pode ser definida como [...] Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo." (THIOLENT, 1985, p. 14 apud GIL, 2002, p. 55).

O segundo princípio articula os saberes tematizados durante o curso, consolidando a excelência e compromisso social. Sendo assim, toma-se como base Freire (1997, p.28) [...] para refletir a pertinência da atitude reflexiva, entendendo que o momento fundamental na formação de professores é o da reflexão crítica sobre a prática. Logo devemos considerar que a reflexão seria essencial para o desenvolvimento de todo curso e atividades correlatas.

3.3. O QUE FOI FEITO E O QUE AS CRIANÇAS DESENVOLVERAM

Para a exposição das atividades desenvolvidas, faremos a demonstração em formato de relato das atividades realizadas nas intervenções, onde serão expostos os jogos e brincadeiras das crianças, os praticados no meio rural, os jogos e brincadeiras que permaneceram depois da realocação para o meio urbano, e a exposição das novas brincadeiras construídas em conjunto com as crianças. A princípio, para obter conexão com as crianças solicitamos que elaborassem brincadeiras que trouxessem lembranças das atividades do cotidiano da comunidade quando moravam na Ilha. Por exemplo, pescar, catar marisco, plantar.

Elaboramos o planejamento da festa de São João, onde as crianças propuseram montar a quadrilha junina das crianças. A criação de atividades de interação e conhecimento acerca da dinâmica da comunidade, gerando um estudo da realidade para uma maior conexão e conhecimento do grupo, organizando o conhecimento aprendido, e aplicando o conhecimento adquirido com suas próprias vivências, como as

brincadeiras juninas, contextualizando com a história e atividades típicas dessa época, buscando sempre fazer com que aprendam com as atividades.

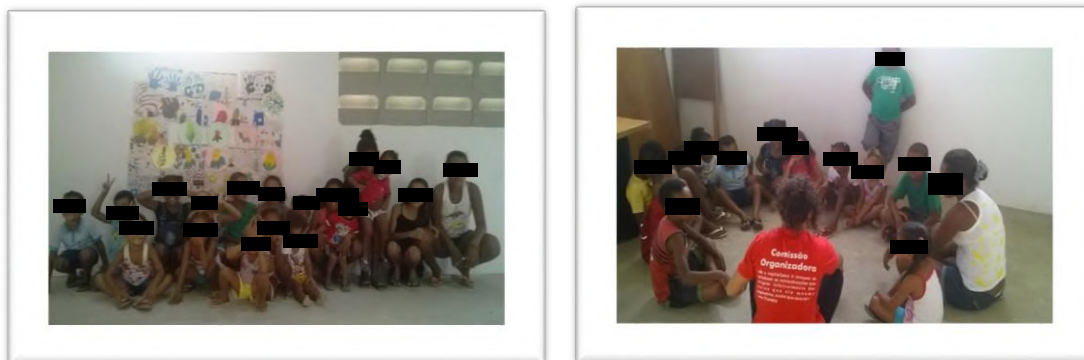


Figura 02: Avaliação diagnóstica; Reuniões de planejamento sobre o ciclo junino.

Elaboramos o conteúdo a partir da história do ciclo junino, utilizando uma abordagem que elucidasse os costumes e práticas da comunidade nessa época. As brincadeiras desenvolvidas foram: pescaria improvisada, pula-fogueira feita com papéis coloridos, argolas no alvo, corrida do ovo na colher e, em seguida, o ensaio da quadrilha junina das crianças. Em outro momento, fizemos o estudo sobre as quadrilhas e os símbolos do imaginário do Ciclo Junino e suas festas.



Figura 03: Brincadeiras típicas do Ciclo Junino; corrida do ovo na colher; corrida de saco; pescaria.

Brincadeiras do ciclo junino: na imagem esquerda temos a tradicional corrida do ovo na colher, para essa atividade solicitamos que as crianças trouxessem de casa uma colher e junto com elas elaboramos um ovos improvisados com papel, pedrinhas e fita adesiva. Já na imagem direita temos a popular corrida de saco, nesta atividade solicitamos às crianças que trouxessem de casa sacos grandes, e assim foram feitas pequenas disputas em dupla e em grupo para ver quem corria mais rápido. Algumas das crianças relataram que já haviam praticado essas brincadeiras quando moravam na Ilha.



Figura 04: Brincadeiras do ciclo junino; pescaria improvisada

Para a brincadeira da pescaria improvisada, utilizamos como vara de pesca lápis grafite, como linha utilizamos barbante preso aos lápis, como água um pequeno pedaço de papel verde simbolizando um rio ou o mar, e os peixes improvisamos com molhos de chaves. As crianças relataram nos encontros posteriores que replicaram essa brincadeira em suas casas e com seus amigos.

Resgatando algumas tradições pouco conhecidas pelas crianças da comunidade, vimos que existem vários significados para o símbolo da fogueira nessa época do ciclo junino como: proteção contra os maus espíritos; a fogueira é acesa para sinalizar o nascimento do Santo São João; e ainda tem a função social da fogueira que é quando os compadres e comadres pulam a fogueira para assim tornarem-se padrinhos e afilhados de fogueira. Elaboramos uma exposição de objetos e fotos em linha do tempo para o

último dia da colônia de férias. Aplicamos as brincadeiras juninas de pescaria e argola na mira, trazendo a lembrança da Ilha de Tatuoca para as brincadeiras.

Estudamos sobre as olimpíadas para realizar as atividades abordando esse tema, mais especificamente trabalhando com a modalidade atletismo, construímos as olimpíadas de Tatuoca, tendo o atletismo como modalidade principal a ser trabalhada com as crianças. No primeiro momento falamos sobre a história das olimpíadas e do atletismo, sobre como surgiram, até a atualidade.

Em seguida passamos para os fundamentos do atletismo, mostrando os movimentos básicos como correr, saltar e lançar. Colocamos em prática o revezamento adaptado à realidade do espaço, os saltos e a corrida com obstáculos e o lançamento de dardo, tudo improvisado com material emprestado do Departamento de Educação Física da UFRPE.

Foram utilizados materiais como: cones, cabo de vassoura, diferentes tipos de bolas, entre outros objetos. Para finalizar, criamos uma brincadeira em parceria com as crianças, baseada nas atividades do festival de atletismo das intervenções anteriores, que foi denominada de “revezamento de chinelo”. Alguns dos materiais necessários para a realização dessas atividades supracitadas foram: cônes, tatames, cabo de vassoura, algumas pedras, canetas, barbante.



Figura 05: Festival de atletismo de Tatuoca; pega corrente.



Figura 06: Festival de atletismo de Tatuoca: revezamento de chinelo; corrida maluca.

Para o dia das crianças, planejamos uma pequena maratona com corrida de obstáculos, brincadeira como corrida em dupla, com um pé amarrado ao pé do colega.

Lançamento de dardo (cabo de vassoura). Estudamos as atividades que poderiam ser realizadas no campo de futebol de Nova Tatuoca, ainda abordando o tema das olimpíadas adaptando para a realidade da comunidade. Pensamos na possibilidade de alguns dos materiais serem produzidos artesanalmente pelas próprias crianças com nossa ajuda, materiais para serem utilizados para construção de brinquedos para os jogos brincadeiras.

Em outro momento propomos uma atividade com o objetivo de colocar as brincadeiras que foram pesquisadas em prática, fazendo o levantamento das brincadeiras dos adultos e adaptando para as crianças. Posteriormente fizemos a contextualização das atividades realizadas sobre as olimpíadas e o atletismo traçando a relação com as práticas corporais dos moradores de Tatuoca, realizando os movimentos e comparando na prática quais atividades se assemelhavam aos movimentos do atletismo, que são: correr, saltar, arremessar, em que situação as crianças percebiam a execução dessas ações.



Figura 07: Brincadeira pula elástico; brincadeira pato-ganso.

Das brincadeiras mapeadas que permaneceram depois da realocação, estão a brincadeira de pular elástico (imagem à esquerda), que ainda sobrevive na cultura corporal e de lazer das crianças de Tatuoca. Outras brincadeiras foram inseridas ao acervo cultural e motor das crianças como é o caso da brincadeira pato-ganso (imagem à direita), as crianças sempre solicitavam praticar essa atividade.

No festival de Tatuoca buscamos trabalhar atividades cooperativas, como: pega corrente, formando uma corrente de crianças, uma segurando na mão da outra até formar uma grande corrente, estimulando a cooperação entre as crianças. Brincadeira da imitação: imitar os movimentos mais comuns aos adultos que moravam na Ilha, uma criança faz um movimento para as outras executarem a mesma ação, estimulando a memória individual e, conseqüentemente, a memória coletiva das práticas e movimentos corporais praticados na Ilha e em Nova Tatuoca, como brincar colhendo e comendo frutos das árvores.



Figura 08: Festival dia das crianças de Tatuoca; brincadeiras de roda.

Ainda no festival, aconteceu um circuito de mães e filhos, que se tratava de uma corrida e outras atividades realizadas em dupla entre mães e seus filhos, como lançar bolas para a mãe jogar para o filho e em seguida o filho joga a bola para a mãe, não deixando a bola cair. Pedimos para que corresse em volta dos cones chutando a bola, depois jogar a bola dentro do cone, enquanto o filho segura o cone, a mãe joga a bola para fazer a cesta. Reunimos as crianças para o planejamento da Colônia de Férias, com passeios ao teatro e ao museu, um dia de lazer para usufruir de um tipo de cultura menos acessível, com a participação das mulheres e crianças.



Figura 09: Reunião com os moradores de Tatuoca, incluindo as crianças; dinâmica da árvore da vida.



Figura 10: Oficina de frevo; brincadeiras da Ilha, armadilha.

Em comemoração ao carnaval e ao dia das mulheres, propomos uma oficina de frevo (imagem à esquerda), onde foram vivenciados o ritmo do frevo, alguns passos característicos. Com a montagem de uma coreografia para apresentação na festa em homenagem ao dia das mulheres de Tatuoca. O frevo até então era desconhecido pela maioria das crianças, algumas apenas tinham visto pela televisão. Houve um pequeno conflito com relação a algumas crianças de religiões protestante, que não poderiam

participar, porém, com a nossa intervenção e solicitação aos pais dessas crianças, com as devidas explicações, foram liberadas para participar das vivências de frevo.

Na imagem a direita, temos a ilustração de uma das brincadeiras praticadas na Ilha, que devido à falta de diversidade natural se torna impraticável na Vila. Essa brincadeira conhecida pelas crianças e pelos adultos como “armadilha”, onde se fazia um nó no mato para alguém que passasse com pressa ou até correndo ter seu pé preso no mato e tropeçar, caindo nas graças dos demais. Na visita à Ilha, as crianças replicaram essa brincadeira da armadilha para podermos vivenciar.

Na oficina de decoração, as crianças se concentraram em ajudar a decorar o galpão para a festa, na confecção das bandeirinhas, correntinhas, balões de papel, entre outros enfeites de temática junina. Aconteceu a exposição da árvore genealógica com a história de cada família, em meio à rede de pesca. Teve a oficina de Exsicata com as crianças. Na oficina de brincadeiras juninas foi pedido para as crianças perguntar aos pais e aos moradores mais velhos, quais as brincadeiras da época deles.

Entre as brincadeiras citadas tivemos a pescaria, onde improvisamos um pequeno rio feito de material azul, enfeitados com desenhos de pequenos peixes, os peixes feitos de papel, o anzol de palito de churrasco, barbante e clip de papel, as crianças aprenderam como fazer tudo. Para finalizar na festa onde todos os projetos se articularam para o momento de culminância, tanto as crianças quanto os adultos participaram das principais brincadeiras juninas por elas escolhidas, pescaria, corrida de saco, corrida do ovo.



Figura 11: Ciclo Junino; corrida de saco; quadrilha junina.



Figura 12: brincadeiras trazidas da Ilha; corrida de quenga de coco.

A brincadeira da corrida de quenga de coco foi uma das brincadeiras pesquisadas através dos relatos dos adultos que viveram na Ilha. Brincadeira que não foi mantida em sua nova realidade de modo de vida urbanizado. Porém, as crianças aderiram e com a ajuda dos adultos para confeccionar os brinquedos, passaram a ser praticadas pelas crianças da Vila.

Teve a apresentação da quadrilha junina com as crianças, logo depois os adultos foram convidados a entrar na roda e foi formada uma grande quadrilha improvisada onde todos participaram. Reunião com as crianças para fazer a oficina diagnóstica sobre a imersão de outubro do dia das crianças. Algumas questões foram predefinidas para serem levadas para as crianças, para que haja participação delas na formação da imersão e da festa, como:

- 1- O que as crianças gostariam que tivesse em seu dia?
- 2- Quais lanches e comidas eles querem para a festa?
- 3- Quais brincadeiras eles gostariam que tivesse?
- 4- Quais brinquedos?

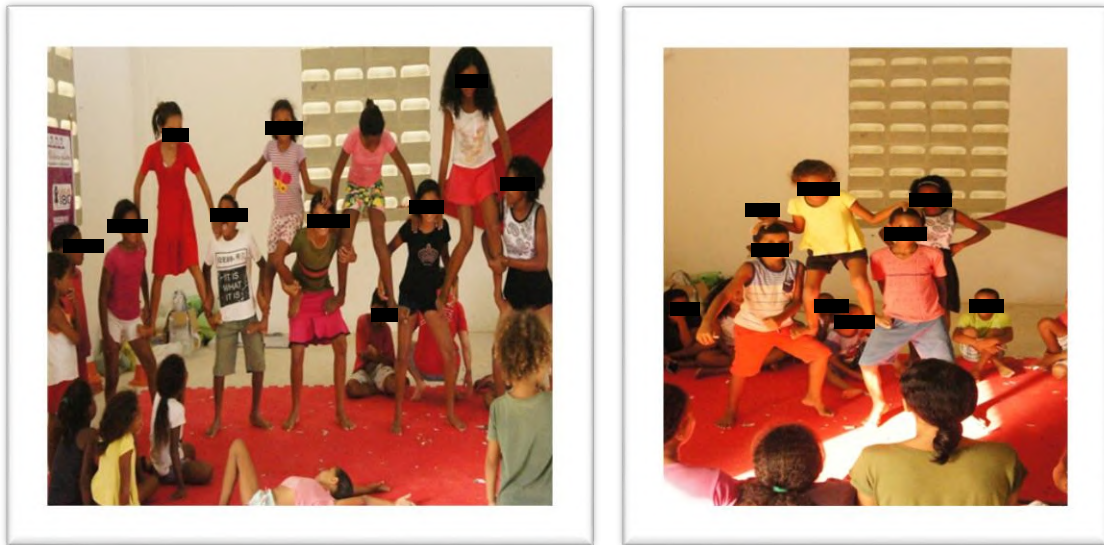


Figura 13: Oficina de ginástica acrobática; pirâmide de criança.



Figura 14: Construção do Cantinho das Crianças; pintura do armário dos brinquedos.

Outras questões mais subjetivas foram levantadas no decorrer do diálogo com as crianças, foi perguntado como é o lazer das crianças, para eles o que é ser criança, o que criança faz e deve fazer para ser criança. Quanto às atividades e brincadeiras para a festa muitas das crianças falaram em: pula-pula, piscina, pula corda, cavalinho, queimado. Em seguida, fizemos os experimentos dos brinquedos. Para as crianças se familiarizarem e ver se havia identificação dos mesmos.

Começamos com a demonstração do brinquedo “vai e vem”, feito com garrafa pet, corda de nylon (tipo varal de estender roupa). Mostramos um brinquedo que foi denominado pelas crianças de “acerta na cesta”, feito também de garrafa pet, papel e fita adesiva colorida, mostramos os chocalhos feitos de cabaça e sementes, a brincadeira da batata quente feita de pano, o pula elástico que as crianças já conheciam, pula corda, bola de gude, boneca de pano, João bonito boneco feito de madeira, pião.

Todas as crianças experimentaram brincando com todos os brinquedos e o feedback delas foi totalmente positivo para todos os brinquedos. As crianças escolheram os brinquedos que iremos confeccionar junto com elas, que foram: o vai e vem e acerta na cesta. Resolvemos deixar a boneca de pano e a peteca como oficina para confecção.

Tipo e quantidade de brinquedos -	Faixa etária aproximada adequada	Quantidade
1- Vai e vem	08 anos	15
2- Acertar na cesta	08 anos	30
3- Batata quente	Todas	03
4- Pula elástico	03 anos	05
5- Pula corda	03 anos	01
6- Bola de gude	06 anos	10p/c*
7- Pião	07 anos	20
8- João bonito	03 anos	05

Legenda: p/c* = para cada criança.

A faixa etária das crianças variava de 03 até 12 anos de idade das que participavam mais ativamente, porém, havia crianças mais novas e algumas jovens de até 14 anos. Participavam das atividades entre 20 a 35 crianças, esse número quase dobrou em imersões com a temática do dia da criança podendo chegar facilmente a 50 crianças que vinham do entorno da comunidade. Para a oficina de brinquedos, perguntamos às crianças quais eram os brinquedos que elas brincavam lá na Ilha e qual deles elas gostariam de ter para brincar, e para isso junto com as crianças aprendemos a confeccionar os brinquedos mais queridos pelas crianças.

Saindo da oficina de brinquedos entramos na oficina de brincadeiras, planejamos brincadeiras onde os pais pudessem se envolver, participar e colaborar junto com seus filhos e as demais crianças e jovens.

Os adultos nos relataram sobre os brinquedos que construíam para brincar em sua infância na Ilha, disseram ser tipos variados de brinquedos. Fizemos todo o planejamento do Cantinho das Crianças, onde todos os brinquedos confeccionados e alguns doados ficaram em um armário para a disposição das crianças, sempre que quisessem brincar com os brinquedos elas tinham que ir até o Cantinho das crianças localizado no galpão da comunidade.

Percebemos na definição dos responsáveis pelo cantinho das crianças, que surgiu a ideia proposta pelas próprias mães das crianças onde, a mãe que quisesse levar seus filhos para o cantinho teria se responsabilizar pela chave do galpão onde ficavam os brinquedos.

Em diálogo com os moradores perguntamos o que mudou em relação aos direitos depois da mudança para a Vila, muitos responderam que na Vila tem muita insegurança e o comportamento das crianças piorou. As oficinas foram pensadas juntamente com as crianças da Vila, levamos as propostas tanto para as mulheres quanto para as crianças, com os objetivos, o tema, os recursos que seriam utilizados e atividades.

Perguntamos para as crianças o que deveria ter no Dia das Crianças e como é o lazer delas na Vila, e como era na Ilha. Tivemos todo o cuidado de discutir e problematizar a respeito da questão de gênero de brinquedos “brinquedo de menina, brinquedo de menino”, e os brinquedos selecionados foram pensados justamente para não haver conflitos, brinquedos mais antigos da época de seus pais e avós.

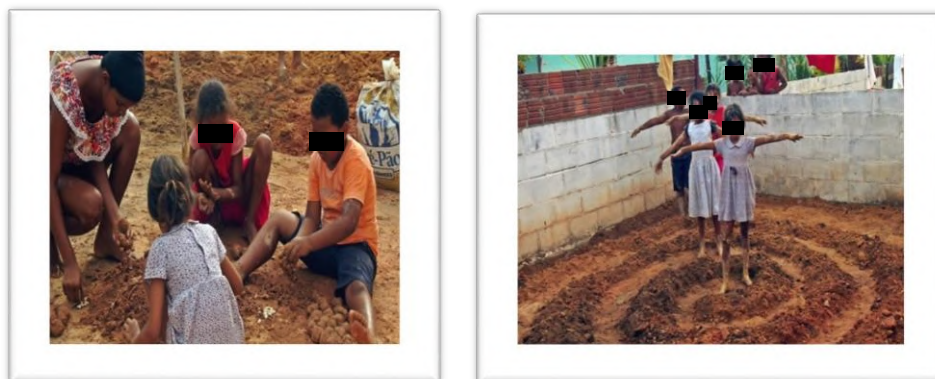


Figura 15: Oficina de bomba de sementes; brincando e plantando; horta em espiral.

Nas imagens acima podemos ver as crianças brincando com as bombas de sementes, brincadeira feita em parceria com o projeto de quintais produtivos, trabalhando a questão da interdisciplinaridade, plantando o verde em Tatuoca, cultivando quintais que trarão fruto no futuro. As crianças faziam pequenas bolas de barro e dentro dessas bolinhas eram inseridas sementes de várias espécies de plantas como, feijão, jamelão, entre outras plantas frutíferas, assim as crianças se divertiam cultivando o verde em sua comunidade.



Figura 16: Um dia de cinema para as crianças

Na imagem acima temos um dia de cinema para as crianças de Tatuoca, onde foi reproduzido um filme de temática africana voltado ao público infantil, com intuito de valorização étnica das crianças de Tatuoca que são em sua maioria crianças negras. Levando a questão da representatividade e do empoderamento para a comunidade.

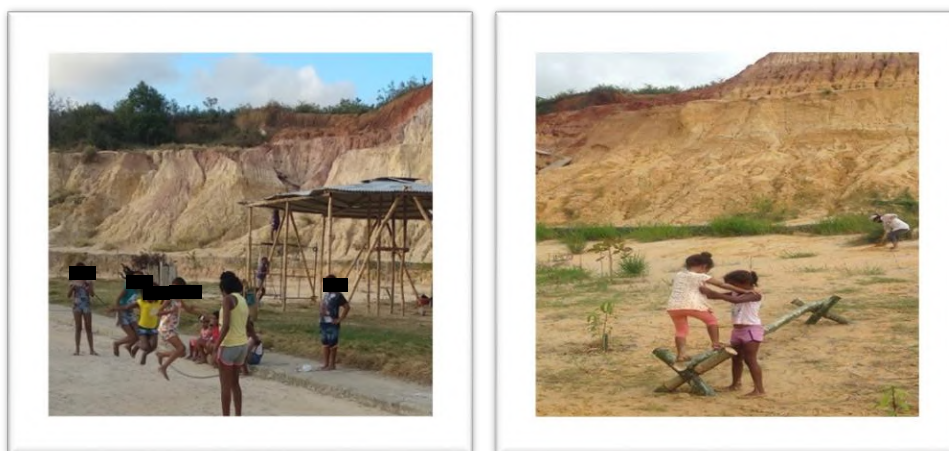


Figura 17: Parquinho das crianças; pula corda; trave de equilíbrio

Na imagem acima, vemos o parquinho das crianças, construído em parceria com a comunidade, com o apoio das crianças, foi construído uma tenda para que as crianças possam brincar protegidas do sol forte, também foi instalado um ábaco tamanho família, assim como também foi montado alguns balanços de pneus, uma amarelinha fixa, uma trave de equilíbrio, um circuito com obstáculos, entre outros aparelhos que possibilitam às crianças de se desenvolver plenamente. Exercitando seu direito ao lazer e enriquecendo sua cultura corporal.

CAPÍTULO 4

4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Mesmo em sua informalidade radical, o processo educativo promove a inserção dos indivíduos nas esferas da realização da existência da espécie. Sua finalidade é conduzir a vida, cuidando para que os sujeitos se relacionem com a natureza, com seus semelhantes e com sua produção cultural.

(Antônio Joaquim Severino)

Pesquisar a cultura corporal e infância no projeto de extensão nos instigou na busca por desenvolver atividades lúdicas relacionadas aos jogos e brincadeiras, de modo que problematizam a realidade social da comunidade de Tatuoca, mediados por processos de auto-organização das crianças e do diálogo entre o conhecimento socialmente produzido na comunidade e na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Para explicar a análise de conteúdo, nos baseamos nos estudos de GIL (2002), esse tipo de análise surge com,

O grande volume de material produzido pelos meios de comunicação e a necessidade de interpretá-lo determinou o aparecimento da análise de conteúdo. Pode ser utilizada, por exemplo, para examinar a ideologia política implícita nas notícias de jornal ou o preconceito de raça e de gênero subjacente aos textos escolares. A análise de conteúdo desenvolve-se em três fases. A primeira é a pré-análise, onde se procede à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A segunda é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados. (GIL, 2002, p. 89-90)

Começaremos explicando o percurso dos projetos de extensão, onde no primeiro ano de intervenção na comunidade, começamos com o projeto “Crianças de Tatuoca: construindo a infância”, as atividades desenvolvidas tiveram como propósito revisitar a memória coletiva e a identidade das crianças da Vila Nova Tatuoca. Com a expropriação da comunidade para o meio urbano, causando transformações profundas na estrutura social da comunidade, no seu modo de vida, nas condições econômicas e culturais. Situação que afetou drasticamente na preservação da memória lúdica e da construção da infância.

Sendo assim, as atividades desenvolvidas objetivam reviver e problematizar os jogos e brincadeiras vivenciados na época da Ilha de Tatuoca. Para isso, nos valem da metodologia da educação popular, considerando saberes e práticas relacionadas aos jogos e brincadeiras dos moradores da comunidade, experiências prévias das próprias crianças na Ilha e na Vila.

Através dos eventos de lazer em algumas das principais datas comemorativas do calendário anual, desenvolvemos oficinas temáticas com atividades relacionadas à cultura popular pernambucana, alguns jogos e brincadeiras já praticados e alguns desenvolvidos em conjunto com a própria comunidade.

Utilizamos a metodologia da educação popular, considerando os saberes e práticas corporais anteriores, relacionadas aos momentos de lazer, jogos e brincadeiras da comunidade, procurando restabelecer uma conexão com a memória do lazer na Ilha de Tatuoca, para lembrar, praticar e fortalecer o autorreconhecimento como indivíduos pertencentes à história da Ilha de Tatuoca.

Fizemos a junção do carnaval com o dia das mulheres e a partir disso desenvolvemos diversas oficinas, entre elas a oficina de frevo, elemento novo para os moradores, mas que ativou outras possibilidades de lazer e atividades corporais para os participantes, com o entusiasmo da oficina elaboramos uma apresentação para o dia da culminância.

Com o desenvolvimento desse trabalho conseguimos estimular e ampliar a criatividade dos indivíduos, enriquecendo seu repertório de cultura corporal, possibilitando seu auto reconhecimento como atores da história da Ilha de Tatuoca, conscientizando para cultivar e preservar a memória coletiva da comunidade e fazer com que reconheçam seu papel na sociedade, tomando consciência de que podem se ver

e fazer parte dos festejos e comemorações que celebram a memória da vida na Ilha de Tatuoca. Sendo assim, a questão central do projeto foi a problematização da cultura que se expressa através das diferentes práticas corporais em relação aos direitos da Criança e do Adolescente, nos respaldando a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) trata de um conjunto de normas publicadas na Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, que tem como objetivo no Brasil, proteger a integridade da criança e do adolescente através dos cuidados especiais da família, da sociedade e do Governo. Dessa maneira, os direitos fundamentais do ECA falam sobre: Direito à vida e à saúde; Direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; Direito à convivência familiar e comunitária; Direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, entre outros.

Essas perspectivas epistemológicas e teórico-metodológicas poderão nortear o debate e formulação das pesquisas que se travam no âmbito das políticas públicas e projetos político-pedagógicos em instâncias de planejamento e gestão da Educação Física escolar e não escolar (práticas pedagógicas em espaços públicos para a cultura lúdica). (SILVA et al, 2015, p. 9)

Exatamente como é o caso da necessidade de Tatuoca, carente de espaços apropriados para o lazer das crianças. As reflexões acima apontam para uma necessidade de políticas públicas, no contexto das intervenções pedagógicas para que o lazer possa se constituir como um momento privilegiado de produção e fruição cultural, pois é nele que se concretizam as possibilidades de vivência do lúdico, do exercício da criatividade, da autonomia e do reconhecimento do outro. Neste sentido, vale ressaltar o – “duplo aspecto educativo do lazer” - citado por Marcellino (1987), que significa considerá-lo como objeto e instrumento de educação, o que remete a uma postura de implementação de atividades que possibilitem o desenvolvimento pessoal e social das comunidades em que se atua.

Dessa forma, desenvolver o tema da cultura corporal neste Projeto de Extensão demonstra uma sensibilidade à questão da infância, uma vez que a mesma deve ser compreendida como possibilidade de construção de uma cultura que também se expressa nas práticas corporais produzidas historicamente pela humanidade através dos jogos, brincadeiras, dança, ginástica, esporte e luta. A partir dessas considerações, na proposta do projeto de extensão na comunidade, optamos pela pesquisa-ação para o trato com a comunidade, preocupados em nos aproximar criticamente das pessoas, a fim

de buscar mitigar o problema da falta e/ou da má qualidade do tempo livre das crianças de Tatuoca.

Essa situação das crianças e jovens poderá repercutir na educação desses sujeitos à medida que o Estado não oferece práticas verdadeiramente socioeducativas que [...] deveriam apresentar-se como uma educação verdadeira emancipatória. [...] pode-se perceber que o conceito de infância (construção social) e de criança (sujeito de direitos) [...] São marcas dos tratos e maus-tratos impressos no corpo social; marcas que estão, emblematicamente, cunhadas na história do corpo e na história da infância e das crianças no Brasil. (SILVA et al, 2015, p. 8).

Nesse sentido, os procedimentos metodológicos e avaliativos estão fundamentados na possibilidade de se criar um espaço permanente de pesquisa, de reflexão e análise das práticas pedagógicas no interior da comunidade, efetuadas pelo coletivo docente e discente envolvidos no projeto, na perspectiva da pesquisa-ação, que segundo Thiollent (2003, p. 15), os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas.

Especificamente, na comunidade de Tatuoca, todas essas questões apresentadas até aqui estão interligadas com a inserção da criança em seu processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no âmbito da família e da comunidade, as atividades cotidianas (brincadeiras e socialização diversas), que se diferenciam de acordo com a posição da criança e de sua família na estrutura socioeconômica, o que indica a existência de diferentes infâncias nos processos desiguais de socialização.

4.2 A REALIDADE DA CULTURA CORPORAL E DAS PRÁTICAS DE LAZER EM TATUOCA

A partir de outras práticas da cultura corporal existentes na comunidade, como por exemplo, a forte influência do futebol na comunidade, é uma prática que, mesmo depois da vida na Ilha, ainda permanece nos dias atuais da comunidade em sua nova realidade no meio urbano. Por isso, buscamos entender como essa prática se dava na comunidade, porém, vimos que o futebol era praticado em sua maioria pelos homens adultos, foram poucos os momentos que vimos às mulheres adultas praticando, assim

Como percebemos crianças pequenas excluídas dessa prática, apenas alguns poucos adolescentes se arriscavam.

Com isso, optamos por trabalhar outras práticas corporais mais inclusivas, pois quando as crianças maiores resolviam jogar o futebol em Tatuoca esse era tido como competição séria e não proporciona a inclusão de outras crianças que queriam entrar no jogo, pois, apenas eram escolhidos os melhores jogadores, aqueles que tinham o domínio dessa prática eram os que podiam fazer parte de uma equipe.

Tendo nossa proposta conflitante com essa determinada prática, buscamos por atividades cooperativas onde qualquer criança, menino ou menina, com ou sem deficiência pudessem participar. Buscando problematizar e desconstruir elementos prejudiciais para a convivência em sociedade, nos preocupamos que seguissem um determinado padrão de comportamento nocivo, alguns que obedecem à manutenção do *status quo*.

Percebemos um exemplo explícito disso onde as crianças reproduzem preconceitos amplamente difundidos na sociedade como, esperar determinados tipos de comportamento para ambos os sexos. Vimos que muitas das crianças acreditavam que existem jogos e brincadeiras específicos para meninos, como futebol e luta, e específicos para meninas citando algumas práticas da cultura corporal como, dançar, brincar de casinha e de boneca. Esse fato mostra a importância e a necessidade de se observar de perto e se aproximar das atividades realizadas pelas crianças.

Neste âmbito, talvez fosse interessante, de forma mais explícita, realizar pesquisas delimitadas para a presença da infância e da criança na história da Educação Física e suas práticas pedagógicas com seus conteúdos/ linguagens, sobretudo, no que se refere à historiografia da recreação, os jogos, esportes, [...], danças, gincanas. (SILVA et al, 2015, p.10)

Nos estudos de Marcellino (1996), percebemos que se deve levar em conta ainda, que se o conteúdo das atividades de lazer pode ser “educativo”, a forma como são desenvolvidas também abre possibilidades “pedagógicas” muito grandes, uma vez que o componente lúdico, do jogo, do brinquedo, do “faz-de-conta”, que permeia o lazer é uma espécie de denúncia da “realidade”, deixando clara a contradição entre obrigação e prazer.

Por isso, a importância de se utilizar o lazer como ferramenta educacional, além do descanso e do divertimento que as práticas de lazer podem proporcionar, outra possibilidade que ocorre do lazer, e normalmente, não se percebe com frequência é do desenvolvimento pessoal e social que o lazer proporciona. Nas atividades culturais elitizadas como o teatro, turismo, as festas, entre outros, estão presentes oportunidades privilegiadas, porque são espontâneas, de tomada de contato, percepção e reflexão sobre as pessoas e as realidades nas quais estão inseridas.

As problemáticas do lazer da comunidade Vila Nova Tatuoca, nos fez perceber as dificuldades de executar práticas de lazer no meio deficitário ao qual vivem, girando em torno de fatores econômicos, sendo determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as pessoas com poder financeiro elevado e as que não possuem capital financeiro para usufruir de oportunidades de acesso às melhores escolas, contribuindo para uma apropriação desigual do lazer.

Sempre tendo como pano de fundo esse fator econômico, podemos distinguir uma série de fatores que inibem e dificultam a prática do lazer, fazendo deste um objeto de privilégio, são as barreiras das classes sociais que geram as oportunidades de forma desigual na apropriação dos espaços de lazer, sendo assim, a condição financeira dos sujeitos também constituem uma das barreiras mais importantes para o acesso ao lazer das pessoas de Tatuoca.

Dessa forma, a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, o gênero, o acesso ao espaço, à questão da violência crescente nos centros urbanos, entre outros fatores, limitam o lazer a uma minoria da população, principalmente se considerarmos a frequência na prática e a sua qualidade. São indicadores indesejáveis e que necessitam ser atacados por ações e políticas públicas que objetivem a democratização cultural e de lazer.

Trata-se de se pensar o processo ensino-aprendizagem, no âmbito da cultura corporal, como processo de produção cultural e aprendizagem social, política, ética e estética, além das condições objetivas para a realização do trabalho pedagógico com as crianças. [...] Nesse sentido, os conteúdos/conhecimentos/linguagens corporais, gestuais, cênicas, escritas, imagéticas, sonoro-musicais, plásticas e outros, extrapolam a dimensão meramente conteudista para uma perspectiva ampliada de educação omnilateral, de formação humana. (SILVA, 2012, p.10)

Situações como essa de Tatuoca é agravada, sobretudo se considerarmos que, cada vez mais, as camadas menos favorecidas da população vem sendo expulsas para as periferias, e, portanto, afastadas dos serviços, dos equipamentos específicos, justamente as pessoas que não podem contar com as mínimas condições para a prática do lazer em suas residências e para quem o transporte público, além de economicamente inviável é muito desgastante.

Outra problemática específica das camadas de menor poder aquisitivo, como é o caso da comunidade trabalhada é que, um número considerável de crianças de Tatuoca, desde muito cedo, tem obrigações familiares especialmente às meninas, “A história das crianças e da infância revela as marcas, as ideias, as práticas sociais, as políticas públicas que cada sociedade produz no sentido de “cuidar” e “educar” suas crianças” (SILVA et al, 2015, p. 9), que deixavam de participar das atividades trazidas pelo Projeto de Extensão, para poder cuidar da casa, fazer comida para a família, cuidar dos irmãos mais novos, devido às necessidades financeiras da família, complementando os afazeres domésticos, essa responsabilidade compulsória compromete a vivência do lazer dessas crianças.

Os “exercícios de ser criança” no Brasil trazem em seus movimentos uma historicidade do corpo das crianças, impressa nas concepções e práticas do que significa “infância” e “criança” na vida cotidiana das práticas escolares e não escolares. O Corpo-infância é um “território em disputa” que é apropriado pelo Estado, escola, família, mídia e religião e, nas práticas pedagógicas oriundas dessas instâncias, estão expressas as marcas e tatuagens históricas das subjetividades e coletivos sociais. (ARROYO, 2012, p. 10).

O lazer através do brincar possibilita à criança ter as vivências necessárias da sua faixa etária e ainda contribui de modo prazeroso e significativo para sua formação como ser humano, participante da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo fornecedor de mão-de-obra barata.

No que diz respeito aos direitos das crianças nos baseamos nas leis e documentos oficiais de garantia de direitos para esses sujeitos, tendo em vista a Declaração dos Direitos da Criança, aprovada pelas Nações Unidas em 20 de novembro de 1959, proclamada para que esta “possa ter uma infância feliz...”. No seu princípio 7º, a referida Declaração coloca que: a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação: a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.

Seguindo essa perspectiva, a “Carta do Lazer”, fixada no Seminário Mundial de Lazer, promovido pela Fundação Van Clé – Bruxelas – afirma, no seu artigo 4º, que A família, a escola e todos os educadores têm papel determinante a desempenhar quando da iniciação da criança numa atividade lúdica e ativa de lazer, no qual a frequente contradição entre o ensino e a realidade necessita ser eliminada.

Na Constituição brasileira diz que: é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, a profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de coloca-los a salvo de toda forma de negligencia, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O que assistimos, no cotidiano da nossa sociedade, sob as formas mais variadas, é exatamente o exercício da negligencia, da discriminação, da exploração, inclusive em termos de mão-de-obra, da violência, da crueldade e da opressão, o discurso oficial não é acompanhado pela ação política.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do projeto que nos levou até a presente pesquisa, foram muitas as conquistas positivas, perceptíveis nos processos de organização das festas (culminâncias) durante as imersões, onde conseguimos perceber o fortalecimento e a auto-organização das comunidades, especialmente as crianças em suas práticas corporais de lazer.

Um dos produtos conquistados a partir dessa auto-organização comunitária, foi conseguir construir junto com as crianças um parquinho na comunidade, feito com matéria prima vinda do barro (que tanto prejuízo causa à comunidade), e bambu recolhidos da UFRPE, em um espaço ao ar livre na comunidade, onde as crianças podem desfrutar dos seus momentos de lazer exercitando e criando cultura.

Marcelino (1996) mostra que são reivindicadas formas de relacionamentos sociais mais espontâneas, a afirmação da individualidade, a convivência com a natureza ao invés do domínio dela.

Outra conquista foi a Cartilha de Tatuoca, um livreto com todas as principais atividades desenvolvidas no projeto, contando nossa trajetória dentro da comunidade. São doze, os direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), contudo, percebemos que muitos desses direitos estavam sendo negligenciados na comunidade e que precisavam ser resgatados e postos em prática. Para isso, fizemos um trabalho de conscientização com as mães, questionando quais desses direitos não estavam sendo garantidos e o porquê.

Focamos em três dos doze direitos presentes no ECA que foram: educação, cultura e lazer, buscamos levá-lo para o conhecimento da comunidade, para que os moradores ficassem cientes dos direitos por lei garantidos aos pequenos. Então, levamos o ECA em formato de gibi da turma da Mônica, para tornar a compreensão mais agradável e acessível por meio da leitura interpretativa, em forma de história contada por todos em roda de conversa. Mães e crianças maiores, juntamente com os extensionistas presentes, cada um interpretando um personagem do quadrinho. Segundo Marcellino (1996), “Embora não de modo exclusivo, é particularmente no tempo de lazer que são vivenciadas situações geradoras de valores que poderiam ser chamados de revolucionários”.

Essa foi apenas uma das atividades que possibilitou conseguirmos levar o ECA para a comunidade, confirmando a necessidade de buscar garantir os direitos à educação, cultura e lazer das crianças, Marcellino (1996) fala que voltar atrás para ir à frente, recuperando o passado em busca do futuro, tal parece ser o processo de construção do humano que vem se verificando na vivência do tempo de lazer. “a sedução que o lúdico exerce suas possibilidades de denúncia da realidade, fazem com que os valores do lazer desempenhem um papel de subversão da ordem vigente”.

Diante disso, estar em Tatuoca permitiu um grande aprendizado, considerado aqui neste estudo como uma via de mão dupla em relação às práticas de lazer, a percepção da infância, e do olhar sobre o que a experiência em comunidade proporciona enquanto movimento de resistência das mais diferentes formas, e que no âmbito da Educação Física, ampliar o horizonte da intervenção profissional. Que venham outros estudos!

6. REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. Infância e literatura: traçando a história. In: **Educação em questão**. Natal: EDUFRN, v.10/11, p.126-136, 2002.
- ARROYO, M. G. Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional. In: ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto (Org.). **Corpo-Infância: exercícios tensos de ser criança**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- ARROYO, M. O significado da infância. **Anais do seminário Nacional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.
- _____. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BRASIL. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, publicada no DOU de 23/12/1996, Seção I, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996.
- BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 julho 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil**: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: MEC, SEB, 32 p. 2006.
- CASTRO, M. **Noção de criança e Infância: diálogos, reflexões, interlocuções**. Anais do seminário do 16º Cole. UFF. Rio de Janeiro/RJ, 2010.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CORTEZ, C. Z. As representações da infância na idade média. **Anais da x jornada de estudos antigos e medievais**. Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- DE ANGELO, Adilson. A infância, para que criança? Nas sendas da história. **Zero-a-seis** (Florianópolis), v. 02, p. 74-104, 2008.
- DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Régis Ltda, 2004.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. A psicologia na escola. In: FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FRANCO, Márcia Elizabete Wilke. **Compreendendo a infância**: como condição de criança. Porto Alegre; Mediação, 2002.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

GARCIA, Regina Leite, FILHO, Ariste Leite. **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro, DPSA, 2001.

GHIRALDELLI, Paulo. **História da Educação Brasileira**. 2ed. São Paulo: Moderna, 2006.

GIL, A. C., 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. -4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, C. L. Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

GOMES, C. L.; MELO, V. A. **Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa**. Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

GOUVÊA, M.C.S. Infância, sociedade e cultura. In: CARVALHO, A. SALLES, F.

GUIMARÃES, M. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Ed. PROEX UFMG, 2003.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 3. ed. Rio de Janeiro: Dois pontos, 1987.

_____. Pesquisando Infância e Educação: um encontro com Walter Benjamin. In: ; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (orgs). **Infância: Fios e desafios da pesquisa**. 7ed. São Paulo: Papirus, 2003, p. 13-38.

KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 15-33, 2004.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 4ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas/SP. Coleção Educação Física e Esportes - Autores Associados, 1996.

_____. **Lazer & esporte: políticas públicas** (Org.), 2ª, ed.. Campinas, Autores Associados, 2001.

_____. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

NIEHUES, M. R.; COSTA, M. Concepções de Infância ao longo da História. **Rev. Técnico Científica (IFSC)**, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/download/420/342>>. Acesso em: 05 de abr. 2018.

PÉREZ, M. e GONÇALVES, C. U. Desenvolvimento e conflito territorial – Primeiras reflexões sobre as comunidades atingidas pelo Complexo Industrial Portuário de SUAPE-PE, Brasil. **Revista de Geografia – UFPE**, Recife, V. 29, No. 2, 2012.
REDIN, Euclides [et al] (orgs). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SARMENTO, Visibilidade social e estudo da infância. In VASCONCELLOS, Vera M.R.; In. SARMENTO, Manuel J. **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

SILVA, Amanda Bertolada. **Múltiplas faces da infância: concepções que se constroem no mundo contemporâneo**. 57 p. 2009. Monografia (curso de Pedagogia), - Universidade Estadual de Londrina, 2009.

SILVA, Mauricio R. **O corpo-infância nos “exercícios de ser criança” nas aulas de Educação Física na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. *Motrivivência*, v. 27, n.45, p-6-12, setembro, 2015.

SOLÁ PÉREZ, M. **R-existências dos camponeses/as do que hoje é SUAPE: injustiça territorial, pós-desenvolvimento e descolonialidade pela vida**. 2016, 253 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UFPE, Recife.

SOUZA JÚNIOR, M. et al. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão - **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011.









THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2003.

UNICEF BRASIL. Convenção sobre os Direitos da Criança, 1990. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 28/11/2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Biblioteca Central. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física** (doc). Recife/PE, 2010.

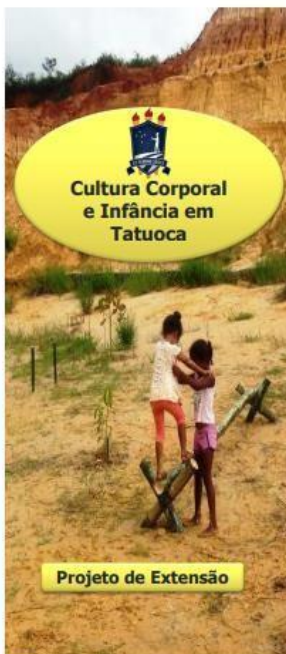
APÊNDICE

1. Cartilha de Tatuoca – Projeto de Extensão: Cultura Corporal e Infância na Comunidade de Tatuoca

<p>1</p> 	<p>2</p> 		<p>Como trabalhamos o direito ao lazer e à memória em Tatuoca?</p> <p>↓</p> <h3>ECOCOZINHA</h3>  <p>A construção do forno e poção de barro, que é um material fortemente presente na vila, nos colocou no espaço de memória, lembrando os ensinamentos dos seus familiares.</p> <p>Com a cobertura feita para o forno, foi criado um espaço onde as crianças podem brincar e se proteger do sol pela manhã, um resultado inesperado.</p>
<p>3</p> 	<p>4</p> <p>COMPUTAÇÃO D</p> 		
<p>5</p> 	<p>6</p> <p>Projeto Cidades Seguras Para as Mulheres</p>  <p>Experiência com Mulheres de Vila Nova Tatuoca</p>		

PROJETOS DE EXTENSÃO 2018

1. Lazer e Extensão Rural na comunidade de Tatuoca
2. Cultura Corporal e Infância na Comunidade de Tatuoca
3. Implantação de Quintais Produtivos em Busca da Valorização e Soberania Alimentar da Comunidade da Nova Tatuoca
4. Computação Desplugada: Estimulando o Pensamento Lógico-Computacional de Estudantes de Escolas Públicas
5. Construindo o Verde com a Comunidade da Vila Nova Tatuoca
6. Projeto Cidades Seguras para as Mulheres: Experiência com Mulheres da Vila Nova Tatuoca



VOCÊ SABE O QUE É O ECA?

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) trata de um conjunto de normas publicadas na Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, que tem como objetivo no Brasil, proteger a integridade da criança e do adolescente através dos cuidados especiais da família, da sociedade e do governo.



3. Direito à convivência familiar e comunitária – Uma convivência saudável com as pessoas, sendo educado por sua família e, se não for possível, por uma família substituta.

4. Direito à profissionalização e à proteção no trabalho – Apenas a partir dos 14 anos de idade. A não ser que estejam na condição de menor aprendiz previsto pela Constituição.

QUE PROJETO É ESSE?

Este projeto buscar desenvolver uma reflexão pedagógica sobre as práticas corporais e sua relação com a infância nos espaços rural e urbano, especialmente com as crianças da comunidade Vila Nova Tatuoca e seu entorno. Referenciamos a dimensão do lazer como veículo e objeto de educação, a partir dos impactos socioculturais no processo de apropriação da cultura expressa através dos jogos e brincadeiras, esporte, dança, Luta e ginástica, problematizando a infância a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, sobre o direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer.

E QUAIS SÃO OS DIREITOS FUNDAMENTAIS DO ECA?

1. Direito à vida e à saúde – Prioridade nos atendimentos em postos de saúde e hospitais públicos, e em qualquer situação recebem socorro em primeiro lugar

2. Direito à liberdade, ao respeito e à dignidade - Significa que você pode brincar, se divertir, expressar suas opiniões, seguir sua religião, ter auxílio ao refúgio e praticar esportes.



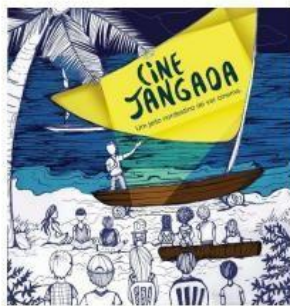
5. Direito à Educação, à Cultura, Ao Esporte e ao Lazer - Jogos e Brincadeiras, Esportes, Dança, Ginástica, Lutas, e tantas outras práticas como esta, devem fazer parte da vida de todas as crianças e adolescentes.



AS CRIANÇAS DE TATUOCA JÁ SABEM: Toda criança tem direito à educação, cultura, esporte e lazer!



"Todas as crianças tem direito de brincar no parquinho que a gente fez"



"O dia do cineminha foi muito legal!"



AMARELINHA ? como brincamos?

Sorteamos quem joga primeiro! Cada um deve ter a sua própria pedra. O primeiro a jogar fica de pé na frente da amarelinha e atira a pedra na casa 1. A casa onde está a pedra não pode ser pisada, é preciso pular por cima dela. E então vai pulando num pé só, ou, no caso de ter 2 casas lado a lado, um pé em cada casa, até chegar no Céu pisando com os dois pés no chão. Depois volta pulando e pega a pedra. Ganha quem conseguir fazer isso em todas as casinhas.

"Enquanto brincamos, aprendemos e construímos novas brincadeiras"



"Nos divertimos muito com nossa família e amigos"

"As crianças podem jogar e brincar sempre, mas precisam fazer a tarefa da escola"



BRINCANDO COM O BARRO NA NOVA TATUOCA



BRINCAR É COISA SÉRIA!!!

AS CRIANÇAS MERECEM TODA ATENÇÃO, CUIDADO, REGADO DE MUITO AMOR!

VAMOS DEIXAR AS CRIANÇAS DESCOBRIREM O QUANTO É BOM TER INFÂNCIA!!!

Viva as crianças da Vila Nova Tatuoca!!!



Agradecimentos especiais à todas as mulheres e crianças da Vila Nova Tatuoca, pelo apoio e confiança em todas as atividades propostas neste projeto!

